

# O Desvelar Simbólico da Identidade Nacional na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016<sup>102</sup>

## The Symbolic Unveiling of National Identity at the Opening Ceremony of the Rio 2016 Olympic Games

## El Desvelar Simbólico de la Identidad Nacional en la Ceremonia de Apertura de los Juegos Olímpicos Río 2016

Bruno de Oliveira da Silva<sup>103</sup>, Luciano Torres Tricárico<sup>104</sup>, Yára Christina Cesário Pereira<sup>105</sup>

### Resumo

Com o transcorrer do século XX, acompanhando os avanços tecnológicos de

<sup>102</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>103</sup> **Bruno de Oliveira da Silva (Brasil)**. E-mail: [portalbruno.oliveira@gmail.com](mailto:portalbruno.oliveira@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-0689> Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria. Possui Graduação (2016) e Especialização (2017) em Marketing pelo Centro Universitário Internacional de Curitiba - UNINTER, Graduação (2016) e Mestrado (2019) em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, sendo contemplado por essa instituição com o prêmio Mérito Estudantil. Cursa Licenciatura em História - UNINTER e Doutorado em Turismo e Hotelaria - UNIVALI. É membro brasileiro da International Society of Olympic Historians - ISOH. Como pesquisador, pauta-se na interdisciplinaridade de sua formação para desenvolver estudos imagéticos e identitários, utilizando-se das mídias, eventos e patrimônios culturais como principais objetos de estudo. Recebeu premiações por trabalhos literários e audiovisuais, sendo intitulado pela Equipe de Sustentabilidade dos Jogos Olímpicos Rio 2016 como um multiplicador de comportamentos sustentáveis pelo mundo.

<sup>104</sup> **Luciano Torres Tricárico (Brasil)**. E-mail: [tricarico@univali.br](mailto:tricarico@univali.br) ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3307-8229> Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (FAU USP 1999), parte da graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP 1994), mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP 2004; 2008). Comendador por mérito social acadêmico concedido pela Associação Brasileira de Liderança (2015). Título de Embaixador da Qualidade pela Associação Brasileira de Liderança (2017). Título de Chanceler Master pela Associação Brasileira de Liderança (2019). Atualmente é professor e pesquisador da Universidade do Vale do Itajaí (curso de graduação de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Turismo e Hotelaria; Tecnólogo em Design de Interiores; Especialização em Design de Interiores; Programa de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria; Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental e disciplina do Núcleo de Disciplinas Internacionalizadas - Arquitetura Brasileira). Coordenador do LaPa - Laboratório de Paisagismo Aplicado da Universidade do Vale do Itajaí. Pesquisador vinculado ao CNPq. Editor da Revista Turismo: Visão e Ação. Avaliador ad hoc de vários periódicos científicos nacionais e internacionais na área em que atua.

<sup>105</sup> **Yára Christina Cesário Pereira (Brasil)**. E-mail: [yara@univali.br](mailto:yara@univali.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6502-1860> Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI Professora Colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria Doutora em Educação - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Pós-doutora em Educação Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA-FURG) 2013. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - Ensino de Ciências Naturais (2004); mestre em Educação - Educação e Ciência pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996). Especialização em Supervisão Educacional pela PUC-MG (1991). Formação Inicial em Ciências Biológicas pela FURB (1977) e Pedagogia - Supervisão Escolar pela UNIVALI (1989). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Estudos Ambientais e Sociedade - GEEAS, vinculado ao PPGE da Univali e PLAGET- Planejamento do Destino Turístico da UNIVALI. Professora titular da Universidade do Vale do Itajaí na Escola do Mar, Ciência e Tecnologia; Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade e Escola de Educação. Na área da Educação atua principalmente em temáticas relacionadas a Educação Ambiental; Prática docente; formação inicial e continuada de professores que atuam na Educação Básica; formação inicial e continuada de educadores ambientais na escola e na universidade; Metodologias de ensino, Produção e avaliação de atividades e materiais didáticos.



Primera revista digital  
en Iberoamérica  
especializada en Comunicología



comunicação e globalização, os Jogos Olímpicos firmam-se como um dos espetáculos audiovisuais mais vistos no planeta; sua última edição de verão foi transmitida para uma audiência estimada em 5 bilhões de pessoas, tendo como ápice sua cerimônia de abertura, que serve como ferramenta de propagação tanto de mensagens de união quanto de propagandas nacionalistas. O presente trabalho visou desvelar simbologias da identidade nacional brasileira apresentada na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Este estudo provém de uma metodologia qualitativa, tendo como base a pesquisa documental, bibliográfica e um estudo de caso, sob uma análise dos resultados pautada no método “Análise de Imagens em Movimento”. O estudo apresentou as simbologias de elementos histórico-culturais presentes na identidade nacional do Brasil que foram abordadas no espetáculo, constatando que muitas destas não são exploradas pela divulgação turística do país.

### **Palavras-Chave**

Identidade nacional, Jogos Olímpicos, Cerimônia de Abertura Rio 2016, turismo.

### **Abstract**

Throughout the twentieth century, following the technological advances in communication and globalization, the Olympic Games have established themselves as one of the most viewed audiovisual shows on the planet, being broadcast to an estimated 5 billion viewers. Its opening ceremony is the top-viewed, serving as a tool for spreading both union of peoples messages and nationalist advertisement. This

work aims to unveil symbols of the Brazilian national identity presented at the Opening Ceremony of the Rio Olympic Games in 2016. This study uses a qualitative approach, based on documentary, bibliographic research and a case study, under an analysis of the results guided by the "Analysis of Moving Images" method. The study presents symbologies of the historical-cultural elements present in the national identity of Brazil that were addressed in the studied event, noting that many of these are not explored by the tourist activity.

### **Keywords**

National Identity, Olympic Games, Rio 2016 Opening Ceremony, Tourism.

### **Resumen**

Con el transcurso del siglo XX, siguiendo los avances tecnológicos de la comunicación y la globalización, los Juegos Olímpicos se han establecido como uno de los espectáculos audiovisuales más vistos del planeta; su última edición de verano se transmitió a una audiencia estimada de 5 mil millones de personas, con el ápice de su ceremonia de apertura, que sirve como una herramienta de difusión de mensajes de unión y propagandas nacionalistas. El presente trabajo tuvo como objetivo desvelar simbologías de la identidad nacional brasileña presentadas en la Ceremonia de Apertura de los Juegos Olímpicos Río 2016. Este estudio proviene de una metodología cualitativa, basada en la investigación documental, bibliográfica y un estudio de caso, bajo un análisis de los resultados basado en el método "Análisis de Imágenes en Movimiento". El estudio presentó las simbologías de elementos histórico-culturales presentes en la identidad nacional de Brasil que se abordaron en

el espectáculo, señalando que muchos de estos no son explorados por la promoción turística del país.

**Palabras clave**

Identidad nacional, Juegos Olímpicos, Ceremonia de inauguración Río 2016, turismo.

## Introdução

Restaurado em 1896 pelo barão francês Pierre de Coubertin e intitulado Jogos Olímpicos da Era Moderna, o megaevento prosperou ao decorrer do século XX, consolidando-se sob o cunho cultural, sendo expressiva essa conjuntura pelo poder midiático e identitário adquirido. De meras competições esportivas e rituais suntuosos, ao transcorrer do século XX o evento ampliou suas cerimônias, visando melhor apresentar suas nações-sede ao mundo.

As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos são consideradas os principais eventos dentro desse megaevento; a audiência do show brasileiro em 2016 foi estimada pelo documento do Comitê Olímpico Internacional - COI "*Global Broadcast and Audience Report: Olympic Games Rio 2016*" (2017) em 5 bilhões de pessoas, mais da metade da população mundial. Tornou-se um truísmo nas indústrias esportivas e midiáticas de que os Jogos Olímpicos se figuram como o maior e mais assistido evento na história da humanidade. (Le Parisien, 2016; Tomlinson, 1996).

Os espetáculos de abertura são as principais fontes de imagem tanto da cidade quanto do país-sede dentro do megaevento, portanto é um acontecimento detalhadamente preparado para expor a identidade de uma nação ao mundo, pois a cada edição do evento há uma busca maior por diferenciação e firmação identitária, o que tem levado os organizadores a novos desafios nacionais e étnicos. (Tomlinson, 1996).

Para buscar entender as visões sobre o potencial das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos no processo de firmação de uma identidade perante a plateia

mundial (Horne, 2006), promovendo um intercâmbio de compreensões interculturais, que permeiam níveis internacionais, direcionando questões políticas, sociais e histórico-culturais, e partindo da ausência de um estudo aprofundado retratando esse evento, surgiu portanto o questionamento que norteou este estudo: “Como a Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 desvelou a identidade nacional do Brasil?”.

O estudo visou portanto, desvelar as simbologias da identidade nacional brasileira apresentada na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, pois se entende que este evento tem uma significativa relevância dentro do contexto de megaeventos, tanto por seu impacto midiático quanto por seu caráter cultural. Justifica-se pela intersecção científica, acadêmica e social oriunda das interpretações discursivas da identidade nacional apresentada em uma “produção artística”.

## **Revisão da Literatura**

### **Dimensão Simbólica da Identidade Nacional**

Os seres humanos fazem parte de uma espécie *sapiens* tão complexa quanto as formas de comunicação desenvolvidas, constituindo-nos em seres simbólicos, podendo utilizar de linguagens diversas (Harari, 2018). Para (Santaella, 2012, p.15), devido a um condicionante histórico, a humanidade passou a interpretar o mundo a partir da “linguagem verbal oral ou escrita”, tornando o saber analítico permitido por essa linguagem a um patamar de “legitimação consensual e institucional de que esse é o saber de primeira ordem, em detrimento relegando

para uma segunda ordem todos os outros saberes”, mais sensíveis como as outras linguagens “não verbais” possibilitam.

As linguagens verbais podem ser codificadas de diversas formas, embora a mais conhecida seja a alfabética ocidental, já as não verbais podem ser decodificadas de distintas formas; hoje vivemos em um mundo repleto de linguagens inumanas como as binárias, e desde Freud e sua a linguagem dos sonhos, podemos considerar linguagens incomuns como a do vento, das flores, do corpo, uma onda inimaginável de dimensões.

Peirce (2017, pp.74-76) define esta ciência homônima como o estudo dos signos, revelando como os seres humanos significam as coisas, atribuindo, portanto, significados. Para o filósofo, e seu seguidor Morris existem três tipos de signos: ícone, índice e símbolo. Peirce (2011, p.114) ‘tradução livre’ acrescenta que um símbolo não necessariamente explicita o que se pretende representar, ele “não nos mostra um pássaro, nem representa diante de nossos olhos um casamento, mas supõe que somos capazes de imaginar essas coisas ao associarmos a elas a palavra”.

Para a autora (Corrêa, 2012, p.21) a cultura “segundo a ideia de teia de significados, constitui-se num entrelaçamento de símbolos interpenetráveis, justamente por haver uma gama de realizações que a simbolizam”. A palavra ‘símbolo’ de acordo com (Hall, 2008, p.18) em grego “significa ‘atirar junto’. Em semiótica uma coisa pode ser ‘atirada junto’ com outra criando uma relação, de tal maneira que o primeiro simboliza o segundo”. Portanto em semiótica a palavra “símbolo” é utilizada para “representar literalmente qualquer signo onde haja uma

relação arbitrária na relação entre significante e significado”.

Conforme (Williams, 2008) a produção simbólica é gerada por artefatos oriundos das manifestações comportamentais humanas como a musicalidade, dança, religião, rituais e cerimônias, que promovem as relações sociais da cultura. Esta produção de símbolos identitários da cultura é maleável, uma vez que podem ser alterados de acordo com os próprios governos, levantando a questão da validade dos elementos que podem ser substituídos, como caso próprio da bandeira do Brasil, criada após a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, sob inspiração da bandeira imperial, mantendo suas cores porém, com significados diferentes. (Corrêa, 2012; Governo do Brasil, 2017).

Os símbolos expressam as particularidades culturais, como exemplo a própria grafia da língua portuguesa utilizada como idioma oficial no Brasil, além de outros elementos conforme (Corrêa, 2012, p.22) como “catedrais, bandeiras, flores, modos de vestir, comidas, palácios, igrejas e suas arquiteturas são formas simbólicas de representações culturais de países, cidades, enfim, de povos”. Todos esses símbolos comportam “um significado específico” para a sociedade na qual estão inseridos.

Zucon (2013, p.48 – grifo do autor) diz que toda identidade é uma *construção simbólica*, ou seja, “necessita de elementos construídos historicamente como representação afirmativa de um indivíduo ou grupo social, seja ele uma pequena comunidade, seja um país”. Neste trabalho adotou-se o entendimento de símbolos na mesma acepção de signos conforme os estudos de Peirce, tendo aqui a cultura brasileira como referência na análise da Cerimônia Rio 2016.



Hall (2014, p.38) afirma que a identidade é “realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato”, e que existe sempre “algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’”, consolidando-se conforme (Schwarcz, 2016) como uma construção histórica, social, política, circunstancial, relativa e alterativa, firmando-se desse modo como uma produção em constante estado de projeção.

De acordo com (Cuche, 2002, p.177) todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista). Nessa perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural. Elias (1994, p.139) em consonância diz: o sentido que “cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as relações de ‘nós’ e de ‘eles’ no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos ‘nós’ e ‘eles’”.

Identidade pode ser compreendida também pela ótica de (Castells, 2018, p.22), que a define como “uma fonte de significados e experiências de um povo, construída com base em atributos culturais, e que se constituem como referencial para os próprios indivíduos de uma comunidade”. Conforme (Calhoun, 1994, pp.9-10) ‘tradução livre’, “não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre eu e o outro, nós e

eles, não seja estabelecida [...]”. (Hall, 2014, p.71) afirma ainda que “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos”.

A noção de identidade de acordo com (Oliveira, 2003, p.117) contém duas dimensões, a “pessoal (ou individual)” e a “social (ou coletiva)”. Por este trabalho retratar um aspecto identitário de uma nação, o foco se manterá na identidade coletiva, ou como outros estudiosos também denominam de “identidade nacional”. Cabe ressaltar a importância de compreender a identidade como um fenômeno “bidimensional”, permitindo assim, incorporar as contribuições dos estudos psicológicos, “especialmente relevantes para a descrição dos processos de identificação, mantendo-nos fiéis ao princípio durkheimiano de explicar o social pelo social”.

Goffman (2009, pp.105-106), afirma que a “identidade social e a identidade pessoal são parte, em primeiro lugar, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão”. Identidade também pode ser definida como um fenômeno que se origina na dialética entre indivíduos e a sociedade (Berger & Luckmann, 2011). Dessa identidade pode-se extrair por meio da experiência histórica de um povo, conforme (Santos, 2012, p.48 – grifo meu), “produtos, estilos, épocas, formas”, construindo assim um *modelo de cultura*. Essas construções podem “servir a fins políticos, como, por exemplo, tornar ilustre a imagem de uma potência dominadora”.

Refletindo sobre a questão identitária, (DaMatta, 2015, p.15) relembra que não é necessário saber “quem somos”, e sim “descobrir como construímos nossas identidades”. O autor acrescenta ainda (2015, p.16) que “cada sociedade (e cada

ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de ‘coisas’ (e de experiências) para construir-se como algo único, maravilhoso, divino e ‘legal’...”. Portanto ressaltasse que no processo diário de identificação que as nações passam, evidencia-se a história de suas culturas, que vive contínua análise e reescrita, podendo desenvolver uma narrativa diferente da já consolidada no decorrer dos fatos.

De acordo com Marques e Domingues (2014, p.467) “é possível entender a identidade nacional como o sentimento de pertença a um país e também como o conjunto de características próprias de uma nação, nas quais seu povo se reconhece”. Esta expressão é de fato relativamente nova, as autoras citam que começou a ser usada em meados do século XX, e que antes desse período se utilizava o termo “caráter nacional”. Já o sentimento de nacionalismo é mais antigo, desde a França na Idade Média; com a expansão das guerras napoleônicas o sentimento patriótico brotava nos países invadidos. (Thiesse & Norris, 2003).

Na contemporaneidade, diversos pesquisadores, historiadores, cientistas políticos e sociólogos veem as nações e a nacionalidade como parte de construções sócio-históricas. (Anderson, 2016; Brubaker, 2004; Smith, 2008; Yogeeswaran & Dasgupta, 2014). Afirma (Bauman, 2005, p.26 – grifo do autor) que a ideia de identidade e particularmente de identidade nacional “não foi ‘naturalmente’ gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um ‘fato da vida’ auto evidente”. Ainda conforme o autor (2005, p.27) a identidade nacional foi “desde o início, e continuou sendo por muito tempo, uma noção *agonística* e um grito de guerra”.

Para (Yogeeswaran & Dasgupta, 2014), a identidade nacional engloba aspectos religiosos, de língua, de etnia e cultura, e gera sentimento de pertença nacional refletindo em um determinado grupo, podendo ser explorada em megaeventos como os Jogos Olímpicos para retratar a imagem da nação aos espectadores e telespectadores que acompanham suas cerimônias de abertura com entusiasmo e fortes sentimentos. (Thomas & Antony, 2015).

Hall (2014, p.50), afirma que uma cultura nacional é um “discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Reforça ainda que as culturas nacionais, “ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”. A identidade nacional é por tanto uma comunidade imaginada, uma ideologia e também uma forma de representação coletiva. (Anderson, 2016; Oliveira, 1976).

Identidade nacional é denominada por (Hall, 2014, p.52 – grifo meu), como “narrativa da nação”, que seria “tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”. Ele afirma que essa narrativa fornece uma série de elementos como “*histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam*” ou “representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres, que dão sentido à nação”.

De acordo com (Yogeeswaran & Dasgupta, 2014 – grifo meu), a identidade nacional engloba também aspectos *religiosos, de língua, de etnia e cultura*, e gera sentimento de pertença nacional refletindo em um determinado grupo. Hall (2014,

p.52) reflete também sobre o fato de que como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa”. Reforça ainda que essa narrativa dá “significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte”.

### **Cerimônia de Abertura Rio 2016**

No dia 02 de outubro de 2009, foi anunciado em Copenhague na Dinamarca, que a cidade do Rio de Janeiro havia vencido as concorrentes, Madri, Tóquio e Chicago, tornando-se a cidade-sede da primeira edição dos Jogos Olímpicos na América do Sul (COI, 2019). Nas palavras do então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva (2009, s.p.), este foi o dia em que “o Brasil conquistou sua cidadania internacional”.

Apesar do período de crise financeira, econômica, política, social e ética do Brasil, o Comitê Organizador Rio 2016 focou seus esforços para buscar realizar a primeira edição dos Jogos Olímpicos na América do Sul (Morsch, 2016). Sendo assim, escolheu diretores de televisão e cinema brasileiros (EBC, 2016), que executaram um trabalho exaltado pela delicadeza e singularidade artística, demonstrada por meio da vasta gama de detalhes referenciando momentos histórico-culturais da identidade do Brasil. O time criativo composto por Andrucha Waddington, Daniela Thomas e Fernando Meirelles, juntos buscaram fugir dos estereótipos e apresentar a real gênese do Brasil. (EBC, 2016; Rio 2016, 2016).

O espetáculo teve produção executiva de Abel Gomes, coreografia da premiada bailarina, coreógrafa brasileira e primeira mulher a dirigir um show do

Cirque du Soleil, Deborah Colker, figurinos de Claudia Kopke, trilha sonora de Antônio Alves Pinto, compositor de trilhas marcantes como “Central do Brasil”, “Cidade de Deus”, “Senna” entre outras e Beto Villares, direção de projeção Fabião Soares, diretores de design visual Olivia Ferreira e Pedro Garavaglia dentre outros nomes de referência nacional e internacional na organização de eventos desta proporção. (Rio 2016, 2016).

## Metodologia

A natureza desta pesquisa se caracteriza como básica, utilizando-se do método científico, com abordagem qualitativa, tendo alcances exploratório e descritivo. Foram necessárias as pesquisas bibliográficas e documentais como procedimentos técnicos de coleta de informações, pesquisando por artigos, dissertações, teses, reportagens, documentos escritos, visuais e audiovisuais que não receberam tratamento analítico nos últimos cinco anos, para ampliar o contexto aqui abordado realizou-se um estudo de caso.

O objeto de análise, Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 foi capturado da transmissão no canal do COI na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, intitulada “*Rio 2016 Opening Ceremony Full HD Replay*”, com duração total de 4 horas, 9 minutos e 9 segundos. Dentre os documentos que auxiliaram na análise dos dados estão: “*Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016*” distribuído para todas as emissoras de televisão que cobriram o evento, o filme da XXXI Olimpíada da Era Moderna “*Days of Truce: the Official Film of the Rio 2016 Olympic Games*” e o documentário “*VIVA - The Opening Ceremony Documentary of Rio 2016*” ambos disponíveis *online* na

plataforma digital do COI, *Olympic Channel*.

Adotou-se a “Análise de Imagens em Movimento”, método concebido por (Rose, 2015) sob a perspectiva da pesquisa qualitativa com materiais audiovisuais, cuja argumentação teórica é crítica em cada ponto do desenvolvimento da técnica, focando no tratamento estético visual e verbal, constituído por duas dimensões:

1. *Transcrição*: gerar um conjunto de dados que sirva a uma análise cuidadosa.

Ela translada e simplifica a imagem complexa da tela.

A autora reforça que as diferentes orientações teóricas “levarão a diferentes escolhas sobre como selecionar para transcrição”. Porém, ela sugere que esta etapa ocorra subdividida em duas transcrições de dados, que foram adaptadas:

- √ *Dimensão Audiovisual*<sup>106</sup>: descrição do que ocorre em cena e dos sons percebidos (porém a autora reforça que é impossível descrever tudo o que está na tela).
- √ *Dimensão Verbal*: descrição do que é narrado em cena.

Assevera (Rose, 2015, p.345), devemos dizer que as representações da mídia são mais que discursos. “Elas são uma amálgama complexa de texto”. O conteúdo nunca vem sozinho, por isso a necessidade da codificação.

---

<sup>106</sup> Adaptado de (Rose, 2015) do termo “Visual”.

2. *Decodificação*<sup>107</sup>: interpretação do sentido de cada unidade de análise.

Como uma contribuição metodológica, realiza-se aqui uma adequação do método, acrescentando à dimensão visual o prefixo “áudio” transformando-a em “audiovisual”, pois a questão sonora conforme (Lustosa, 2016, p.99), provoca uma “reação subjetiva e emotiva nos espectadores, o que a torna um elemento significativo no processo de leitura”. A autora reforça ainda que os recursos sonoros e visuais têm uma importância significativa nos processos persuasivos e informativos.

Portanto, visando melhor compreensão semântica, optou-se também pela mutação da segunda dimensão, passando de “Codificação”, para “Decodificação” pois de acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010, p.220), a palavra “decodificar” significa “decifrar (o que está codificado)”, dando sentido mais direcionado a proposta deste trabalho. Definiu-se unidades de análise com atributos de identidade nacional, alicerçadas nos conceitos de elementos identitários citados por (Castells, 2018; Hall, 2014; Yogeeswaran & Dasgupta, 2014) apresentados na revisão da literatura (Figura 1).

Figura 1. Unidades de Análise de Identidade Nacional

---

<sup>107</sup> Adaptado de (Rose, 2015) do termo “Codificação”.



TRANSCRIÇÃO	UNIDADES DE ANÁLISE	ATRIBUTOS DE IDENTIDADE NACIONAL
AUDIOVISUAL	Cena	Língua História Símbolos Cenários Cultura
	Som*	MPB Samba Bossa Nova Tecnobrega Maracatu Funk RAP
VERBAL	Narração	Conteúdo Forma

Fonte: Elaboração própria, 2019.

\* Ritmos musicais identificados na cerimônia.

A imagem “não produz o visível” e sim que ela “torna-se visível através do trabalho de interpretação e ao efeito de sentido que se institui entre a imagem e o olhar”. Em um documento imagético há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, “implícitas a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação”. (Souza, 1998, p.4).

Visando conseguir a percepção de idealização do espetáculo estudado, partindo do relato de (Rose, 2015, p.345) de que alguma informação será sempre perdida, e de que “outras informações poderão ser acrescentadas”, estabeleceu-se que não serão analisados os discursos protocolares encaixados na cerimônia, por tratarem-se de atos políticos externos à celebração, sendo estes apenas citados na análise.

Um ponto importante refere-se às dimensões de análise deste estudo, que também não englobaram as narrativas realizadas pelos locutores da transmissão da

Cerimônia Rio 2016 pelo Olympic Channel, por ter-se conseguido a mesma fonte de informações que estes tiveram: o “Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016”. Todas as partes narradas do evento, são repetidas 3 vezes em idiomas distintos, começando pelo francês, depois o inglês e por fim o idioma nativo do país-sede, no caso brasileiro o português, porquanto as análises aqui realizadas se pautaram apenas no último idioma.

## **Resultados e Discussões**

### **Segmento 1 - Vídeo de Abertura**

Os ângulos adotados para realizar a captação imagética desde segmento pautam-se sob a premissa de um novo ponto de vista sobre a cidade do Rio de Janeiro, apresentando-a ao espetáculo com suas conexões: as belezas naturais interligadas com os espaços urbanos e os esportes que convivem e conversam diariamente, independente de local e horário. Este segmento se fundamenta como uma homenagem à cidade olímpica, o Rio de Janeiro exibido do alto.

É entoada a música “Aquele Abraço” de Gilberto Gil, composta e lançada em 1969, considerada um “hino de despedida” do cantor antes de deixar o Brasil para o exílio. Esta é sua canção mais executada e regravada, sendo reconhecida como símbolo da luta contra a ditadura militar brasileira. Para o espetáculo, a música foi regravada na voz do cantor e compositor Luiz Melodia. Portanto, percebem-se três dos atributos de identidade nacional apresentados no Figura 01 “Unidades de Análise de Identidade Nacional”:

- √ *Língua*: representada pelo português na canção “Aquele Abraço” de Gilberto Gil.

- √ *Cenários*: presente na exibição de paisagens naturais e urbanas da cidade do Rio de Janeiro.
- √ *Samba*: se encontra na sonoridade da canção “Aquele Abraço” de Gilberto Gil.

## **Segmento 2 - Bem-Vindos**

Ao se acenderem, as luzes do Maracanã apresentam o palco do estádio, uma grande tela, que recebe todas as vídeo-projeções do espetáculo, com um total de 110 projetores de 20,000 lumens. Posteriormente a parte principal da estrutura, que de fato se configuraria no palco, foi pintada de branco uniformizando-o para a projeção, as demais partes laterais foram pintadas de preto. O formato final da tela branca representa um jardim do artista e paisagista brasileiro Roberto Burle Marx em uma dimensão de 128mx63m.

Sobre ele encontra-se na primeira tomada os polígonos, que reproduzem uma estampa do pintor, escultor, desenhista e artista brasileiro Athos Bulcão, pois sua obra retrata a síntese das matrizes culturais do povo brasileiro, quando o artista reinventa as tradições da arte rupestre, geométrica indígena, dos padrões das estampas africanas e da azulejaria portuguesa. (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016). Ambos os artistas, produziram obras singulares e de extremo valor cultural para o Brasil, integradas ao paisagismo e arquitetura de diversas cidades do país, incluindo a capital do Distrito Federal, Brasília.

A sequência inicial é realizada com 250 grandes folhas de papel metalizado, manipuladas por 1.000 voluntários, inicialmente sob uma iluminação em tons

quentes referenciando a areia das praias cariocas, e posteriormente sob tons de azul. Eles são guiados pela autoria coreográfica de Deborah Colker. Ao movimentarem as folhas de papel metalizado, formam ondas do oceano. Com o início da contagem regressiva no número nove, as folhas se abrem e a cada número, os voluntários as movimentam para cima e para baixo, fazendo com que inflem de ar, formando almofadas, denominadas no espetáculo como pillows. Elas foram inspiradas na obra “Abrigo”, do artista plástico carioca Franklin Cassaro, usadas como principais elementos cênicos desse segmento.

Figura 2. Bem-Vindos



Fonte: Pawel Kopczynski - Reuters, 2016.

Este segmento simboliza o espírito da “gambiarra”, definição brasileira para a prática cultural que consiste em improvisar soluções para os problemas com o que tiver de material disponível no momento. Tal prática traduz perfeitamente o “jeitinho brasileiro”, denominado por (DaMatta, 2015, p.99) como um “modo e um estilo de realizar” unindo o “pode” com o “não pode”. Precisa-se de tambores, mas não se

tem tambores, então, uma simples folha de papel metalizado, se transforma em diferentes formas para por fim, inflar e se tornar um tambor. Ao fundo ouve-se a canção “Samba de Verão” de Marcos Valle, que embala a abertura da cerimônia.

Ao iniciar a contagem regressiva, após o número um, o elenco de voluntários começa a bater nos pillows que acompanhados de uma projeção, lembram uma grande “batucada”. Um vórtex prateado é criado, e o símbolo da paz regido por Ziraldo em seu livro “Marcas nada Patentes” de 1988 como proposta para o símbolo da Ecologia, é projetado no centro do palco, simbolizando a “paz com o planeta”, pois o símbolo da paz se transforma em uma árvore.

Outra simbologia é apresentada no espetáculo no momento em que são transformadas as folhas metalizadas em pillows, e feitas de tambores, agitando o estádio com uma “batucada”, elemento advindo de ritmos africanos. O gênero musical “samba” é um legado cultural da etnia negra, que ao adaptar seus elementos identitários no país, para onde foram trazidos escravizados, acabaram por originar a cultura afro-brasileira, que se solidifica hoje, como uma das substanciais bases da cultura nacional. (Corrêa, 2012; Costa, 2012). Portanto, neste segmento percebem-se quatro dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua:* representada pelo português na narração da contagem regressiva.
- √ *Símbolos:* com a exibição de uma estampa do Athos Bulcão; o formato de palco remetendo à um jardim de Roberto Burle Marx; referência às ondas do mar; a batucada e o símbolo da “paz com o planeta” de Ziraldo.
- √ *Cultura:* devido o resgate de referências utilizadas como simbologias para retratar elementos da música nacional.

√ *Samba*: se encontra contemplado na música incidental “Samba de Verão”.

### **Decodificação Verbal**

A forma da narrativa é expressa pela entonação marcante, ritmo pausado, onde o discurso se prolonga. Isso se evidencia pelo fato de ser a narração de uma contagem regressiva do número 9 ao 1, que se estende por 37 segundos. O conteúdo apresenta que o espetáculo irá iniciar.

### **Segmento 3 - A Bandeira Nacional e o Hino**

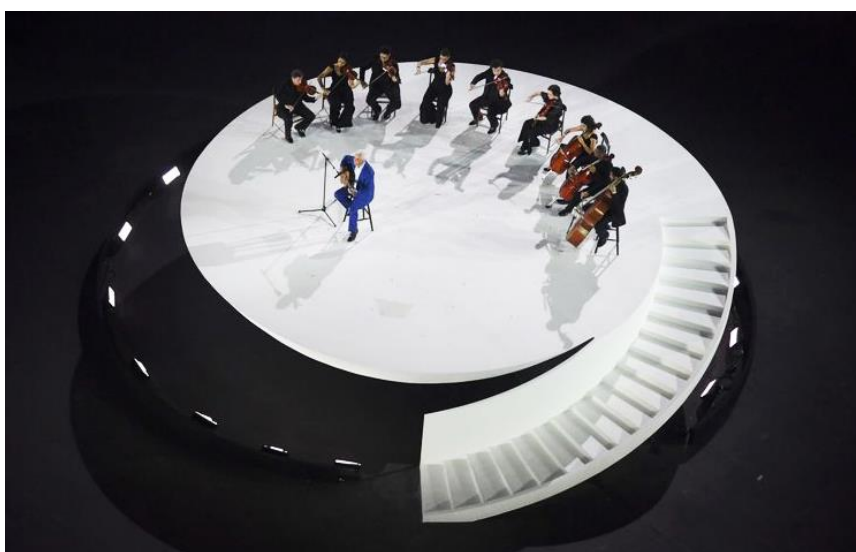
Buscando expressar a beleza poética do hino nacional, a organização enfatiza os predicados na interpretação de Paulinho da Viola, que expressa um hino não marcial. O cantor é uma voz expoente da música popular brasileira, sendo consagrado como um dos compositores e intérpretes mais significativos de samba e choro, também são de sua autoria, obras-primas inscritas na antologia musical do país. Os versos que integram o hino nacional foram compostos pelo poeta Joaquim Osório Duque Estrada, ligando a pátria brasileira incondicionalmente à sua natureza exuberante. (Governo do Brasil, 2017).

As crianças que correm em direção a um dos palcos com as bandeiras no alto de seus braços, referenciam os atletas brasileiros, que no ápice das celebrações de suas vitórias, balançam a bandeira do Brasil no ar. Em ritmo de homenagem a estes esportistas, um grupo composto por 10 deles assistem ao hasteamento junto a 50 jovens atletas, campeões indicados pelas confederações representando diferentes modalidades. Eles cercam o palco durante o hasteamento, que é executado pelo Comando de Policiamento Ambiental do Rio de Janeiro.

A escolha reforça a mensagem de proteção às florestas, uma das principais

lutas que o mundo precisa enfrentar. O formato dos dois palcos complementares, “palco protocolar” (do hasteamento da bandeira) e o “palco de performance” (onde Paulinho da Viola e a orquestra de cordas se encontram), foram inspirados nas formas do expoente arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, mestre da arquitetura modernista do Brasil.

Figura 3. Palco de Performance



Fonte: Antonin Thuillier - AFP, 2016.

Percebem-se neste segmento três dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: presente pelo português na execução do hino nacional do Brasil.
- √ *Símbolos*: representados pelas diversas unidades da bandeira nacional do Brasil, as comemorações de vitórias dos atletas brasileiros, e a forma do palco protocolar e de performance, que remetem às formas do arquiteto Oscar Niemeyer.

- √ *Cultura*: presente na referência cultural da alegria brasileira, esboçada pelos atletas nacionais em suas vitórias.

### **Decodificação Verbal**

A forma da narrativa inicial é expressa pela entonação cerimonial, obedecendo a um ritmo pausado, para que o discurso seja devidamente pronunciado e compreendido. O conteúdo apresenta o presidente do COI e solicita que todos os presentes se coloquem em pé, para a execução do hino nacional do Brasil.

### **Segmento 4 - Pindorama: O Nascimento da Vida**

Recria-se aqui, o surgimento da vida. A história começa há bilhões de anos, com o nascimento das florestas e a gênese da vida na terra, celebrando os primeiros povos que habitaram as florestas brasileiras, os indígenas, com vestimentas advindas da natureza; são apresentados com uma instalação inspirada nos padrões de suas pinturas corporais, cerâmica, no trançado da palha e na construção de suas ocas. Os índios tupis-guaranis chamavam o Brasil de “Pindorama” - Terra das Palmeiras. Essa é uma designação mítica para o que seria uma terra livre dos males.

Antes da chegada dos portugueses ao território que hoje compreende o Brasil, os povos da floresta viviam em vigor e com menos preocupações (Ribeiro, 2015). Pesquisadores estimam que a população indígena compreendia variantes de 2 a 5 milhões de indivíduos (Fausto, 2015) até a “invasão de Pindorama” ou como até recentemente a historiografia luso-brasileira denominou de “descobrimiento do Brasil”.



De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), restam apenas 896,9 mil indígenas residindo em território brasileiro, persistindo apenas 274 dialetos e línguas indígenas faladas no país. Como no restante do planeta, estes povos tradicionais se efetivam como os grandes protetores das florestas. Atualmente, conforme Ribeiro (2015, p.307), a área da “floresta tropical da bacia amazônica cobre quase metade do território brasileiro, mas sua população mal comporta 10% da nacional”.

Em uma projeção aparentemente tridimensional, microrganismos movem-se freneticamente e dividem-se incontavelmente. Estas imagens criadas pela videoartista alemã Susi Sie, foram geradas a partir da filmagem de partículas que vibram de acordo com o som amplificado. As criaturas que cruzam o palco são esculturas cinéticas que representam micróbios, projetadas pelo artista sul-africano Roger Titley, considerado um dos maiores marionetistas do mundo. Foram assinadas por ele as marionetes utilizadas nas Cerimônias de Abertura e Encerramento da Copa do Mundo da África do Sul, em 2010.

Um rearranjo de “Toada e Desafio”, composta pelo músico Lourenço da Fonseca Barbosa (popularmente conhecido por Capiba), guia o começo da vida. O emaranhado verde simboliza o nascimento da floresta, tomando todo o palco e a tela superior que, ao se erguer, cria uma imagem guiada pela estética visual contemporânea no segmento de espetáculos audiovisuais. Ao som da mata sendo criada, expandida e de animais, percebe-se a simbologia dos mistérios da floresta.

Borboletas simbolizam a multiplicação da vida, formando a sombra de um gigante, que revela a entrada dos primeiros habitantes de “Pindorama”: os

indígenas. Eles se aproximam do centro do palco, sob o ritmo marcado de seus cantos em dialetos e passos. A música também intitulada “Pindorama” é uma peça composta pelos diretores musicais da cerimônia, juntamente com Renata Rosa e Marlui Miranda, uma das principais autoridades em pesquisa musical indígena no país, referenciando o mundo sonoro dos índios.

O elenco deste segmento é descendente da etnia indígena, formado por dançarinos do Festival de Parintins, que representam os povos da floresta. 72 dançarinos das duas agremiações do Festival se juntaram para representar sua herança indígena. Em Parintins, todo mês de junho, há mais de meio século, os Bois Caprichoso e Garantido se enfrentam na arena no meio da floresta amazônica. Em 2019 o Festival recebeu o título de Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, 2019). Nenhum dos componentes da equipe tem formação em dança, todos exercem suas profissões e trazem a arte em suas vidas por paixão.

A tela superior revela-se feita por centenas de longos e simples elásticos, que os indígenas manipulam em danças que recriam os padrões de sua arte e terminam por formar três ocas de grandes dimensões no centro do palco. Em entrevista à (Harss, 2016), a coreógrafa Deborah Colker disse que a ideia da dança ligada aos elásticos que constituíram as ocas, era de exibir um Brasil anterior à colonização, representando a monumentalidade da natureza do país sob uma estética orgânica.

Figura 4. Pindorama



Fonte: Amin Mohammad Jamali – Getty Images, 2016.

A representação do surgimento da vida se finda, apresentando a imensa floresta e as ricas culturas que nela habitavam no momento da chegada dos portugueses no século XVI. Percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: são perceptíveis dialetos indígenas durante a trilha incidental que acompanha o ritmo marcado de seus cantos e danças.
- √ *História*: apresentada pelo surgimento de “Pindorama”, o nascimento da floresta e dos povos indígenas que habitavam o país antes da chegada dos portugueses.
- √ *Símbolos*: concebidos por toda a simulação do início da vida com os microrganismos e micróbios.
- √ *Cenários*: presentes na reprodução simbólica de uma floresta e na formação de ocas indígenas com elásticos.
- √ *Cultura*: esboçada pelas vestimentas e cantos indígenas.

## Segmento 5 - Geometrização

Este segmento é concebido em dois eixos, exibindo a formação do povo e da cultura brasileira, e como ao longo da história, a natureza foi sacrificada em decorrência da expansão territorial que originou o território nacional dos dias atuais. Inicialmente ocorre o encontro entre os indígenas e os europeus que chegam ao território “Pindorama” por meio de três caravelas articuladas no meio de uma tempestade.

Os portugueses guiados pelo espírito aventureiro (Fausto, 2015; Holanda, 2000) são representados por acrobatas que apresentam a viagem dos exploradores através dos oceanos desconhecidos. O movimento das caravelas e a fumaça simulam as árduas jornadas das grandes navegações que contavam com escassez de alimentos, falta de higiene e morte. (Amado & Figueiredo, 1992).

Ao chegarem no centro do palco, os acrobatas são cercados pelos indígenas, onde ocorre o primeiro encontro entre os habitantes dos dois mundos. Enquadrados em um ângulo inferior, ambos se encontram sob os elásticos que simbolizam neste momento as palmeiras de Pindorama e às palhas utilizadas nas construções de habitações. O fatídico momento de abril de 1500 é marcado por observação e espanto, já que culturas diferentes se defrontam pela primeira vez. Os navegadores portando roupas pesadas, longas barbas, sujos e doentes, já os indígenas limpos, saudáveis e seminus. (Ribeiro, 2015; Asturiano & Matias, 1999).

Figura 5. Geometrizaçã



Fonte: Kai Pfaffenbach - Reuters, 2016.

“A Carta de Pero Vaz de Caminha” narrada pelo escrivão português, detém as observações sobre o primeiro contato do homem branco com os Tupinikim na Bahia (Asturiano & Matias, 1999). O encontro inicial foi marcado pelo clima festivo, que não duraria muito tempo, pois logo os portugueses já iniciariam um processo de aculturação desastroso, resultando em guerras e epidemias aniquiladoras. (Corrêa, 2012; Fausto, 2015).

Dentre os embates, o primeiro pode ser definido como a decisão do próprio nome que deveria ser dado ao território “descoberto”. Conforme (Fausto, 2015), inicialmente, o rei português Dom Manuel preferiu chamar o território de “Terra de Vera Cruz”, logo em seguida de “Terra de Santa Cruz”, em referência à primeira missa realizada. Posteriormente o nome do país foi mudado novamente. Por não terem encontrado ouro, exploraram o litoral do país onde encontraram o pau-

brasil<sup>108</sup> (Probst, 2016), essa árvore acabou dando o nome ao país. Para o historiador (Hemming, 2007, p.43) “desde o século XII, árvores que forneciam uma tintura vermelha eram conhecidas como *brasile*, termo derivado do latim que designa o vermelho”. Para retirar do solo, em sua maioria utilizaram a mão-de-obra indígena.

Dos portugueses que descem das caravelas e que não retornam a elas, saem com espadas “abrindo a vegetação” em diferentes frentes, simbolizando o início da derrubada das florestas e os bandeirantes que logo começariam a ceifar a vida indígena em diferentes regiões do país. Com o movimento das caravelas e o avanço do percurso, apresenta-se um rastro, representando suas marcas deixadas sobre a paisagem, remetendo a traços culturais, especificamente a azulejaria portuguesa.

Posteriormente quatro grupos retratam os africanos, trazidos à força para o território nacional e maltratados desde sua captura. Seu traslado a bordo de navios superlotados ocorria com péssimas condições de conforto, alimentação e higiene básica, o que acarretava na morte de muitos ainda durante o percurso. (Probst, 2016). Diversas pessoas chegavam ao país sem saber ao menos o idioma local. Estima-se que o Brasil recebeu ao todo 40% da população africana escravizada. (Schwarcz & Starling, 2015).

As rodas e as varas por eles trazidas no espetáculo representam arados, os pesos nos pés, grilhões. Alguns dos voluntários sobre as rodas, realizam

---

<sup>108</sup> Devido a agressiva exploração, de acordo com Probst (2016), por volta de 1530 o pau-brasil (*Caesalpinia echinala*) já estava praticamente esgotado. Novos estudos apontam a planta como pertencente a um novo gênero, tornando-se "Pau-brasil *enchinata*" (GAGNON et al., 2016).

movimentos que claramente remetem à prática de tortura denominada “pau-de-arara” que remota aos dias da escravidão. À medida em que avançam, a imagem da floresta projetada vai sendo substituída por plantações de cana de açúcar que juntamente com a escravidão, moveram a economia do país durante os séculos XVI e XVII. (Schwarcz & Starling, 2015).

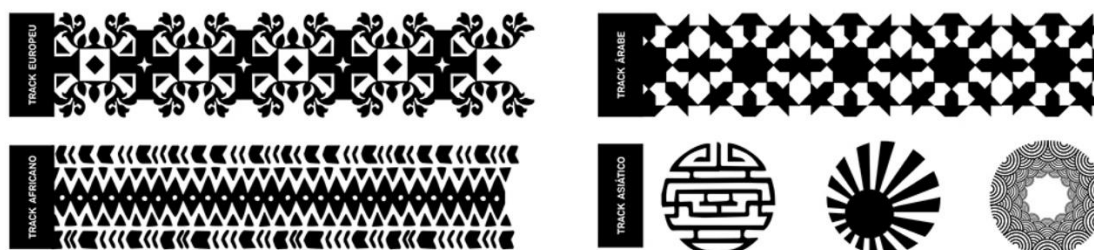
Representam neste momento a força de trabalho brasileira. O rastro deixado por eles apresenta seus padrões gráficos e ao fundo, junto à música, sons de chicotadas fazem relação com o sofrimento causado pela escravidão no país, que perdurou por três séculos. A trilha incidental deste momento conta com a participação da cantora e bailarina guineana Fanta Konatê e o cantor e ator congolês Bukassa Kabengele.

Sucessivamente surgem os árabes representando a imigração do oriente médio. Os ventiladores de fumaça retratam as intempéries climáticas das árduas viagens que os sírio-libaneses enfrentaram para chegar ao Brasil. Suas malas simbolizam as viagens de carroças por eles efetuadas no século XIX por todo o país, levando mercadorias e informações, fato que foi importante para manter o território nacional unificado. Eles também deixam seus rastros com iconografias. A trilha incidental é guiada por alaúdes, percussões e flautas tocadas pelos irmãos Sami e William Bordokan, descendentes de libaneses.

Por fim surgem os povos da Ásia, estandartes vermelhos representam os japoneses que começaram a vir para o país no século XX, auxiliando nas construções de grandes centros e de lavouras, com sua rígida obediência. Hoje a quinta geração de imigrantes japoneses, vive completamente integrada na vida do

Brasil, concretizando a população na maior colônia japonesa fora do Japão. Todos os povos, ao chegarem, deixam seus rastros de iconografias, que remetem a traços característicos de suas culturas.

Figura 6: Rastros Culturais



Fonte: Adaptado de Radiográfico, 2016.

(Ribeiro, 2015, p. 279) afirma que com a história do Brasil, dá-se o nascimento à primeira “civilização de âmbito mundial, articulando a América como assentamento, a África como a provedora de força de trabalho e a Europa como consumidor privilegiado e como sócio principal do negócio”.

Finda-se o segmento com a gênese do povo brasileiro, apresentando o processo civilizatório do país, composto pela capacidade de absorver e integrar as ondas migratórias que chegaram, modificando assim o território e reorganizando a paisagem, substituindo as formas orgânicas da natureza pela geometria das plantações, da mineração, das estradas e das malhas urbanas. Com a representação da escravidão ocorre uma estetização da miséria, pois elementos de pobreza e sofrimento são trabalhados com técnicas cênicas e cinematográficas. (Lipovetsky & Serroy, 2015).

Os organizadores escolheram alguns povos dos três continentes que povoaram o Brasil para ilustrar a geometrização. Da Europa, vieram os



portugueses, da África, os africanos e os sírio-libaneses, e da Ásia os japoneses. Outros povos, porém, também compuseram a matriz cultural brasileira após a chegada dos africanos, dentre eles podem ser citados imigrantes italianos, espanhóis, alemães, eslavos e turcos (IBGE, 2007; Ribeiro, 2015). Compreende-se assim, a inviabilidade de apresentar todas os contingentes imigratórios que se direcionaram ao Brasil em um espetáculo. Cinco dos atributos de identidade nacional foram contemplados:

- √ *Língua:* são perceptíveis dialetos africanos durante a trilha incidental que acompanha a entrada dos escravos.
- √ *História:* esboçada pela trajetória de povoação do Brasil, iniciada pelos portugueses, seguida pelos africanos, sírio-libaneses e japoneses.
- √ *Símbolos:* percebidos por todos os rastros com traços identitários deixados pelos povos.
- √ *Cenários:* apresentados pela mutação territorial, que passa da floresta para plantações, mineração, estradas e malhas urbanas.
- √ *Cultura:* presente tanto nas iconografias dos rastros identitários deixados pelos povos, quanto em suas vestimentas.

## **Segmento 6 - Metrópolis**

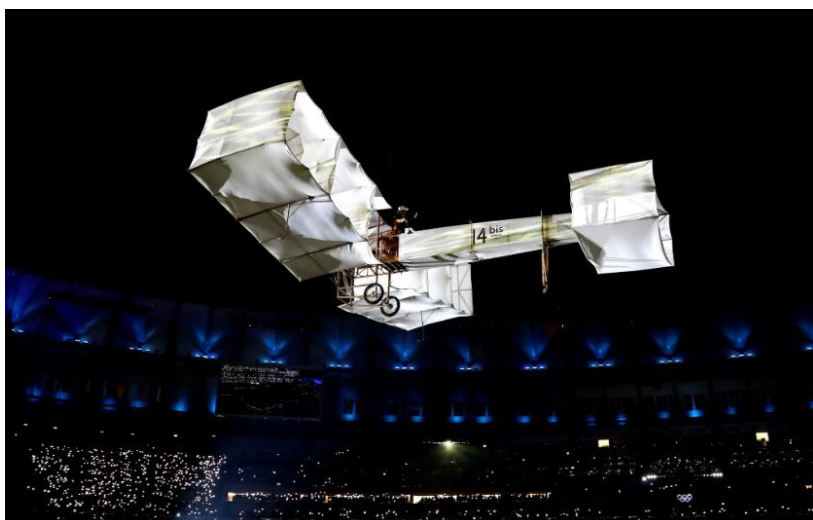
O Brasil foi estruturado inicialmente fora dos meios urbanos (Holanda, 2016), neste segmento se visualiza um novo episódio da história nacional, com a construção do país contemporâneo, apresentando o surgimento de uma cidade no palco. Um grupo pratica skyline sobre uma metrópole brasileira não planejada, que une diversos elementos arquitetônicos distintos. Três grupos de parkour atravessam

a cena, pulando sobre os “telhados dos prédios que se erguem” à sua frente. Na realidade nada se eleva.

O que ocorre é um efeito cênico que une coreografia, projeção e filmagem em estreita colaboração, apresentando abismos de sombras entre um prédio e outro, que servem como espaços onde os acrobatas realizam saltos mortais e pulos, convencendo a audiência de que há um espaço de queda real. Ao chegarem no fim do palco, revela-se a cidade contemporânea: quase cem caixas representam prédios, empilhadas umas sobre as outras. Elas acabam ocupando uma parte da arquibancada do estádio. Este elemento da cenografia foi denominado de Box City.

As fotografias que compõem o cenário sobre os prédios e ilustram suas fachadas, são de autoria do fotógrafo de arquitetura Pedro Kok. Os acrobatas desafiam a altura da cidade, saltando e escalando sobre ela ao som de “Construção” de Chico Buarque, composta após o seu retorno do exílio durante a ditadura militar. O arranjo do maestro Rogério Duprat figura entre os mais sofisticados da música popular brasileira (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016). Ocorre uma intensa movimentação de caixas que formam uma parede e esta revela o 14Bis, feito por leves caixas de pano e bambu.

Figura 7. 14 Bis



Fonte: Ezra Shaw - Getty Images, 2016.

Aqui ocorre a celebração das conquistas oriundas da civilização urbana brasileira retratadas pela obra do ilustre inventor, Alberto Santos-Dumont que é representado por um ator em um cesto de vime - que faz de cabine do piloto - alçando voo em pleno Maracanã, marcando assim o início de uma nova era no desenvolvimento do mundo. Para o Brasil a invenção do avião é atribuída a Santos-Dumont, mas não ao restante do mundo. A cerimônia usou a oportunidade para esclarecer a controvérsia, com uma réplica em tamanho real do 14Bis concebida pela empresa Total Solutions Group.

De acordo com o (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016), para o Aéro-Club de France, organização que acompanhava oficialmente o desenvolvimento dessas máquinas pelo mundo, o brasileiro Santos-Dumont foi o primeiro homem a decolar e pousar com uma máquina mais pesada que o ar movida a gasolina. Antes dessa façanha, ocorreram outras experiências, mas em todos os casos, aparelhos eram lançados com catapultas ou arremessados

em declives; relatados apenas pelos próprios inventores e as organizações que os financiavam.

Nos telões do estádio e na exibição televisiva é apresentado o voo noturno do 14Bis sobre diferentes pontos da cidade do Rio de Janeiro, como os Arcos da Lapa, Museu do Amanhã, Pão de Açúcar, Corcovado, Cristo Redentor, Lagoa Rodrigo de Freitas, Praia de Copacabana, finalizando seu passeio quando sobrevoa a praia de Ipanema ao som de “Samba do Avião”, composta por Tom Jobim em 1962. Sendo assim, neste segmento percebem-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- √ *História*: ilustrada pela construção das metrópoles do Brasil contemporâneo e na conquista aérea do inventor brasileiro Alberto Santos-Dumont.
- √ *Cenários*: esboçado pela construção de uma metrópole brasileira não planejada.
- √ *Cultura*: ilustrada pela inventividade brasileira, cujo fruto foi o primeiro voo de uma máquina mais pesada que o ar.
- √ *MBP*: contemplada no arranjo do maestro Rogério Duprat sobre a música “Construção” de Chico Buarque.
- √ *Bossa Nova*: contemplada no instrumental de “Samba do Avião” de Tom Jobim.

## Segmento 7 - Bossa

Este segmento apresenta a internacionalização do Brasil ocorrida entre as décadas de 1950 e 1960. Driblando os ângulos retos da urbanização brasileira, as curvas da “bossa nova” conquistam o mundo. O período histórico do país consistiu

em grandes mudanças, na arquitetura, música, pintura e literatura, conforme o (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016, p. 20), artistas como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Oscar Niemeyer, Burle Marx, Jorge Amado, entre outros, auxiliaram a construir a imagem de um “país cool, sensual, de praia, de música, cores e curvas”.

Uma homenagem é realizada ao maestro Tom Jobim e sua musa, a “Garota de Ipanema” personalizada na imagem de Gisele Bündchen, bem-sucedida modelo<sup>109</sup>, que foi consagrada como o retorno das “curvas” femininas na moda mundial durante o fim da década de 1990. A canção “Garota de Ipanema” composta por Tom Jobim e escrita por Vinicius de Moraes em 1962, é de acordo com (Vinciguerra, 2012) do The Wall Street Journal, a segunda música popular mais tocada no mundo, ficando atrás apenas de “Yesterday” dos Beatles.

No fim da década de 1950 surgiu no Rio de Janeiro o movimento Bossa Nova, impulsionado por jovens talentos da classe média carioca, que conceberam o gênero homônimo a partir do samba com influências do Jazz (Tinhorão, 2012). A canção “Garota de Ipanema” se consolidou como elemento característico desta fase da música brasileira, embalando os capítulos da fase desenvolvimentista da presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1961), com a construção da nova capital Brasília.

A personificação da “Garota de Ipanema” por Gisele Bündchen no espetáculo apresenta os traços da imigração dos povos ocorrida no Brasil. Embora mais de

---

<sup>109</sup> Em 2000, Bündchen foi eleita pela revista Rolling Stone, a modelo mais bonita do mundo. Entre os anos de 2004 e 2016, a revista Forbes considerou ela como sendo a modelo mais bem paga na indústria da moda. Em 2007 seu nome ingressou a lista do Guinness Book como a modelo mais rica do mundo.

54% da população brasileira se declare negra ou parda (Governo do Brasil, 2018), a modelo de pele branca e com descendência europeia também faz parte da história do país. Gisele nasceu no estado do Rio Grande do Sul, na região fronteira do Brasil com a Argentina, local que expressa bem o derramamento de sangue brasileiro na historiografia nacional.

Neste local, imigrantes europeus foram trazidos, visando o “branqueamento” da população (Pereira, 2011; Salaini, 2013) e a demarcação das terras no extremo sul do Império. Em meio aos vestígios do tempo áureo das Missões Jesuíticas, onde os índios viviam livres e protegidos da escravidão ansiada pelos bandeirantes paulistas (Prado Júnior, 2017), estes imigrantes tiveram que enfrentar as densas selvas e iniciar suas vidas em meio às resistentes florestas. Hoje Gisele, oriunda deste território, é uma das figuras femininas mais famosas do Brasil no mundo.

Gisele desfila pelo palco em direção à imagem de Tom Jobim, concretizando o último desfile de sua carreira. O vestido usado por ela foi concebido pelo estilista brasileiro Alexandre Herchcovitch. Ao piano encontra-se Daniel Jobim, cantor, instrumentista e neto de Tom Jobim, tocando um arranjo minimalista da canção. Enquanto Gisele desfila, surgem traços criados a partir dos desenhos de Oscar Niemeyer, considerado o maior arquiteto brasileiro e um dos mais renomados do mundo.

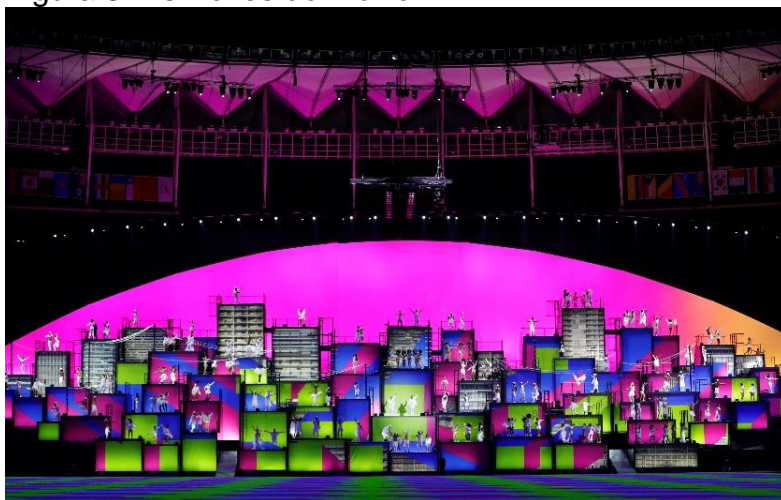
Figura 8. Bossa



diferentes trajes brancos e muitos cabelos black power. Diferentes estilos estão estampados nos bailarinos de dança de rua, que unidos à projeção e luzes do estádio transformam o palco em um grande jukebox.

Com as batidas do funk carioca, o garoto Cristian do Passinho esbanja movimento com o passinho que é uma febre no Rio de Janeiro. Ouve-se primeiro o “RAP da Felicidade” do dueto de funk carioca Cidinho & Doca. A música que é considerada um hino das favelas cariocas é interpretada pela funkeira Ludmilla sobre a Box City. Na sequência entra em cena uma voz marcante do morro, Elza Soares que entoa o “Canto de Ossanha”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, música esta que tem um papel fundamental no Brasil, ao ajudar o som de religiões afro-brasileiras a integrarem a MPB.

Figura 9. As Vozes do Morro



Fonte: David J. Phillip - Associated Press, 2016.

Elza foi eleita pela (BBC, 2019) de Londres em 2000 como a “melhor cantora do milênio”, superando grandes nomes da música mundial como Aretha Franklin e Freddie Mercury. Acima da Box City dezenas de bailarinos executam passos típicos



do funk carioca. Para encerrar o segmento, Zeca Pagodinho e Marcelo D2 cantam juntos a música “Deixa a Vida me Levar” simbolizando a diversidade POP carioca, criando embates entre os dois diferentes grupos de bailarinos que se desafiam, de um lado e outro no cenário. Aqui se evidenciam cinco dos atributos de identidade nacional:

- √ *Cenários*: a cidade se transforma em uma jukebox.
- √ *Cultura*: ilustrada pelos trajes, cortes de cabelo black power e danças de rua.
- √ *Funk*: contemplado pela música “RAP da Felicidade” do dueto de funk carioca Cidinho & Doca, interpretada pela funkeira Ludmilla.
- √ *MPB*: entoada pela música o “Canto de Ossanha”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, interpretada por Elza Soares.
- √ *Samba*: representado pela música “Deixa a Vida me Levar” de Zeca Pagodinho interpretado pelo mesmo e Marcelo D2.

### **Segmento 9 - POP: Empoderamento**

Este segmento realiza um tributo à contribuição dos africanos à cultura popular do Brasil. A cultura afro-brasileira foi formada ao longo dos séculos com as adequações de práticas africanas, que hoje são substancialmente partes fundamentais da cultura nacional. Dentre os legados da etnia negra para a sociedade do país, estão presentes diariamente práticas como dança, música, culinária, religião, entre outras (Corrêa, 2012; Costa, 2012).

O dançarino realiza uma mistura de break dance com capoeira no centro do palco juntamente com a reprodução da mesma coreografia por meio da projeção. Duas rappers negras cantam sobre empoderamento feminino no palco de

performance, Karol Conka, indicada pela revista *Rolling Stone* americana como “uma das artistas que o mundo precisa ouvir” e Mc Soffia de uma periferia de São Paulo com apenas 12 a

Figura 10. Empoderamento



Fonte: Buda Mendes - Getty Images, 2016.

A Cerimônia Rio 2016, não esconde disparidades históricas presentes no percurso formativo do Brasil. Ela apresentou os africanos sendo trazidos escravizados para o país, e agora em um Brasil contemporâneo, as mulheres negras ganham voz, para cantar ao mundo sobre suas lutas e movimentos. Karol Conka e Mc Soffia cantam o rap protesto “Toquem os Tambores”, que contém

mensagens de sensibilização. A música, ao ser cantada simultaneamente a uma performance de capoeira, faz alusão às temáticas abordadas em sua letra.

De acordo com (Armstrong, 2016, s.p.) a capoeira “foi desenvolvida como forma de proteção, onde os escravos utilizavam o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando como um tipo de luta” tornando assim a dança em uma arte marcial disfarçada, “representando uma luta contra a violência e a repressão sofrida”. Neste segmento percebem-se dois dos atributos de identidade nacional:

- √ *Cultura*: representada pelos movimentos de capoeira.
- √ *Rap*: contemplado pela música “Toquem os Tambores” do dueto entre Karol Conka e Mc Soffia.

### **Segmento 10 - POP: As Disputas**

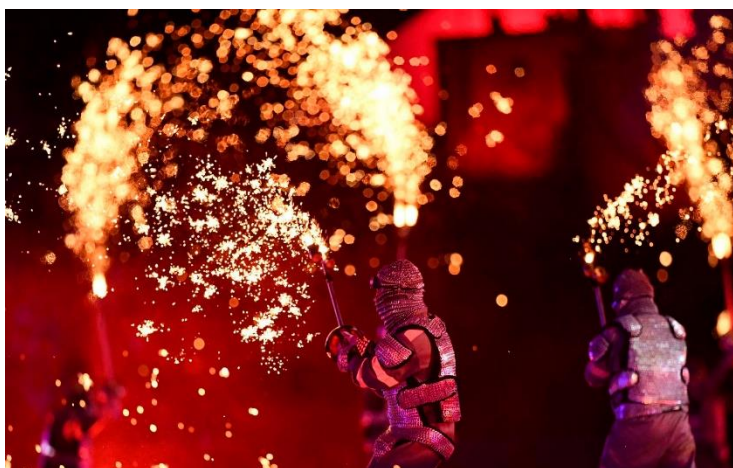
Neste segmento é apresentada a crescente intolerância que ocorre com as diferenças em todo o planeta, onde há uma tensão crescente. No palco, espadas de fogo representam as espadas tradicionais na festa junina do município de Cruz das Almas na Bahia. Parte dos figurinos foi concebida com tampas de latinhas, realizadas por integrantes do projeto Botteltop. Posteriormente um grupo de Maracatu desafia um grupo de Bate-Bola, levando o estádio inteiro a tremer.

O Maracatu é uma dança folclórica do estado de Pernambuco, que surgiu da mescla musical das culturas portuguesa, indígena e africana, exemplo típico da aglutinação antropofágica da cultura nacional (Proença Filho, 2018). Já os grupos de Bate-Bolas são personagens carnavalescos típicos do subúrbio do Rio de Janeiro. Eles saem durante o carnaval batendo no chão com suas bolas pela

cidade, “amedrontando” as pessoas. A trilha incidental original concebida com alfaias, gonguês e efeitos sonoros dos diretores musicais, emana tensão.

Jogos e disputas acirradas “são a base das festas populares do Brasil”, heranças de tradições medievais que foram passadas por ancestrais europeus, sendo algumas delas “cavalcadas, guerras de fogo, maracatu, bate-bola, bumba-meu-boi”. As danças destas festas estão envoltas por lanças, espadas, bolas, fogo, elementos que compõem os acessórios dos bailarinos durante a apresentação. (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016, p.25).

Figura 11. As Disputas.



Fonte: Leon Neal - AFP, 2016.

Deste modo, a energia e o vigor dessas danças, “revisitadas pela música contemporânea”, expressam as “disputas que resistem ao tempo”. De Belém do Pará vem o Tecnobrega, gênero musical contemporâneo das festas de aparelhagem que reinventam sonoridades. “Velocidade do Eletro” do grupo Gang do Eletro incita por fim, a movimentação frenética do “Treme-Treme” no estádio. Presentes aqui três dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representada pelo português presente na canção “Velocidade do Eletro” do grupo Gang do Eletro.
- √ *Cultura*: representada por um conjunto de manifestações folclóricas como as espadas de Cruz das Almas, grupos de Maracatu e Bate-Bolas.
- √ *Tecnobrega*: contemplado pela música “Velocidade do Eletro” do grupo Gang do Eletro.

## Segmento 11 - O País Tropical

Este segmento convida todos a celebrar as diferenças. Mil e quinhentos bailarinos enchem o palco e dançam as coreografias de um típico baile charme de Madureira comandado pelo cantor Jorge Ben Jor, um dos destaques do cenário pop do país, junto ao rearranjo de sua composição “País-Tropical” gravada originalmente por Wilson Simonal em 1969. A canção transformou-se em um dos hinos dançantes mais característicos do Brasil.

Entre a Box City surgem instalações infláveis, retratando o repertório cultural universal, com o gesto clássico de “luta” que se transforma em “paz e amor” ao inflar os dedos da “mão”, e outros como o “joia” e “hang loose”, todos desenhados pelo muralista e grafiteiro Deco Farkas. De acordo com Deco, em entrevista à (Wruck, 2016), estes gestos estão presentes em muitas canções brasileiras de funk. A produção dos infláveis gigantes foi uma criação feita em parceria com a empresa francesa Plasticiens Volants.

Figura 12. O País Tropical.



Fonte: Clive Mason - Getty Images, 2016.

A plateia reage em pé ao show, pois antes de o espetáculo começar, a atriz, apresentadora e criadora, Regina Cazé foi até o palco ensaiar com todos os presentes no estádio os passos de dança em um “pré-show”. Os diretores almejavam que o público se juntasse aos bailarinos transformando o estádio no “maior baile charme de todos os tempos”.

O estádio é iluminado com tons quentes, simulando as cores do verão, de um clima tropical. Ao término do “baile”, com direito a fogos de artifício, o ápice da felicidade, os dançarinos saem do palco e adentram a plateia cantando a música à capela. Este gesto referencia o gosto brasileiro pela alegria; mesmo a festa tendo chegado ao fim, as pessoas ainda conseguem estender a comemoração sem música. Percebem-se aqui quatro dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representada pelo português presente na música “País-Tropical” de Jorge Ben Jor.
- √ *Símbolos*: ilustrados por “paz e amor”, “joia” e “*hang loose*”, e o galo representando a cultura POP presentes nos infláveis.

- √ *Cenários*: representação de um baile *charme* de Madureira.
- √ *Samba*: contemplado pela música “País-Tropical” de Jorge Ben Jor.

### **Decodificação Verbal**

A forma da narrativa é marcada neste segmento pela entonação marcante, ritmo acelerado, visando o retorno da plateia. O conteúdo revela a invocação das pessoas presentes no estádio para celebrar uma festa e a chegada de uma estrela da música nacional.

### **Segmento 12 - Depois da Festa**

Neste segmento a cerimônia deixa de falar sobre o Brasil e passa a se dirigir ao mundo, mostrando que a forma como a sociedade humana tem se organizado ao longo da história está causando profundos impactos na sustentação do equilíbrio de vida no planeta Terra, sendo alguns destes irreversíveis. Surge no palco um menino de etnia negra sozinho, perdido, buscando a saída em um labirinto de torres espelhadas, que refletem uma paisagem árida sem vegetação.

Nos telões do estádio e nas televisões são exibidos mapas inspirados em modelos da NASA com dados do Radar Topográfico da missão Shuttle (SRTM), com projeções alarmantes a respeito do que poderá ocorrer em diferentes partes do mundo caso não haja a diminuição do aquecimento global. A mensagem é clara: precisa-se ocorrer um basta. Portanto, neste segmento percebe-se um dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representado pelo português presente na narração cerimonial.

### **Decodificação Verbal**

A forma da narrativa é marcada neste segmento por elementos de surpresa e

posteriormente espanto e aflição. A entonação marca um ritmo lento e pausado. O conteúdo inicialmente revela surpresa com a dimensão do espetáculo, depois volta-se a expressar a preocupação com a situação climática do planeta e suas consequências para a civilização humana.

### **Segmento 13 - Uma Simples Ideia Que Ajuda Muito**

O menino, ao sair do labirinto de espelhos, encontra uma frágil planta que rompeu o asfalto. Ao sentar-se em torno dela, inicia-se a declamação do poema “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade, interpretado por Fernanda Montenegro e Judi Dench<sup>110</sup>. Neste momento o espetáculo retrata uma possível solução para os problemas exibidos anteriormente, expondo o primeiro componente do enredo identitário brasileiro na história do país, a natureza. (Paz, 1996).

Os diretores do espetáculo indicam que a forma mais eficiente e barata em larga escala de buscar conter os prejuízos futuros é por meio de uma simples ação: conservar, preservar as florestas e replantar as que foram destruídas, retardando assim o aquecimento do planeta, capturando o carbono e reduzindo sua concentração na atmosfera. Complementam ainda que, as florestas exercem diversos outros papéis para a saúde do planeta, dentre eles regular o regime de chuvas, recuperar os solos e proteger a biodiversidade presente no planeta.

Nos telões do estádio e nas televisões, imagens de projetos de reflorestamento em torno do mundo são exibidos. O Brasil como anfitrião e detentor da maior parte da floresta Amazônica é o país fundamental para propagar essa

---

<sup>110</sup> Fernanda Montenegro é uma dama do teatro brasileiro, indicada ao Oscar e vencedora do Emmy. Judi Dench é a vencedora do Oscar, BAFTA, Olivier e uma das atrizes mais celebradas do mundo.



mensagem de reflorestamento, uma vez que já reduziu 80% do desmatamento na floresta desde 2005. Entretanto, no período pós-evento, os encaminhamentos institucionais de cunho socioambiental registraram um aumento na degradação do patrimônio cultural e natural do país<sup>111</sup>.

Ecoa ao fundo do segmento a música de Jaques Morelenbaum e Antonio Pinto, canção homônima e tema do filme indicado ao Oscar “Central do Brasil”. A cidade do Rio de Janeiro também é essencial para exibir essa mensagem, uma vez que é pioneira na recuperação de matas. Já no século XIX, o Imperador Dom Pedro II, ao desapropriar fazendas com o replantio de árvores visando combater o problema de falta de água na cidade, criou a Floresta da Tijuca, de acordo com o (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016), a maior floresta urbana do mundo. Os organizadores convidam a todos: “Onde couber uma árvore, plante uma semente”. Neste segmento identificam-se dois dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representada pelo português presente no poema “A Flor e a Náusea” de Carlos Drummond de Andrade.
- √ *Cenários*: esboçados pela natureza durante os atos de reflorestamento.

### **Decodificação Verbal**

A forma da narrativa é caracterizada neste segmento pela entonação poética, claramente declamada, sob um ritmo que sofre variação no decorrer de seu corpo, iniciando-se lento e terminando mais acelerado. O conteúdo apresenta a história de

---

<sup>111</sup> A perda do Museu Nacional por um incêndio em 2018 (Zamudio et al. 2018); aumento de incêndios e desmatamento na Floresta Amazônica em 2018 e 2019 (Andreoni & Hauser, 2019).

uma flor que nasce em meio a uma rua, em plena metrópole, quebrando todas as barreiras para manter-se viva.

#### **Segmento 14 - Parada dos Atletas: Os Plantadores da Floresta**

A imagem simplesmente é alterada, assim como a trilha incidental que passa a ser a composição “Central” também de Jaques Morelenbaum e Antonio Pinto. Um vídeo com imagens diversas sobre sementes e plantas é exibido enquanto os cerimonialistas narram a mensagem elucidando que pela primeira vez na história dos Jogos os atletas participam ativamente de uma ação em uma cerimônia olímpica.

Cada atleta recebe uma semente e um tubete contendo substrato para semear uma árvore nativa do Brasil, país que de acordo com o (Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, 2016), tem a maior diversidade de árvores e arbustos no mundo, mais de 50 mil catalogados. Eles depositam os tubetes nas torres espelhadas em diferentes pontos do palco. Ao todo são 207 espécies de plantas, uma para cada delegação participante do evento<sup>112</sup>. São 205 nações, uma delegação de atletas independentes e uma de refugiados, ambas desfilam sob a bandeira do COI.

Pela primeira vez na história, cinco mulheres transexuais estão presentes em uma cerimônia olímpica. Elas fazem parte do grupo de voluntários que conduzem bicicletas contendo o nome dos países, fortalecendo o espírito de tolerância no evento com a inclusão, servindo também como uma forma para se repensar os

---

<sup>112</sup> Todas as sementes dariam origem à “Floresta dos Atletas” localizada no Parque Radical de Deodoro. As sementes permaneceriam durante um ano em um viveiro para então serem plantadas definitivamente. Após 3 anos, em setembro de 2019, foi plantada a primeira das 13.000 árvores no local (Vecchioli, 2019).

preconceitos de países extremistas. Lea T, pedalou a bicicleta com o nome do Brasil, ela foi a primeira modelo transexual a assinar um contrato de moda e uma das principais top models brasileiras. A edição Rio 2016 promoveu a visibilidade trans tanto no revezamento da tocha olímpica quanto na própria cerimônia.

Entre as mulheres transexuais que comandam as bicicletas, estão também, a agente de turismo, Maria Eduarda Menezes que conduziu as delegações de Moçambique, Suécia e República Islâmica do Irã, e a figurinista Fabíola Fontinelle que conduziu as delegações da Alemanha, República Tcheca, Índia e Emirados Árabes Unidos, que mantém a homossexualidade proibida com a pena de morte até o presente. Fabíola afirmou a (Lucon, 2016, s.p.) que elas estavam felizes com o convite, entretanto, lembrou que “a realidade do nosso país é bem diferente. Existe, sim, muito preconceito”. Apesar da busca pela inclusão no evento, o relatório da (Transgender Europe, 2018) aponta que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo.

Figura 13. Bicicletas.



Fonte: Leon Neal - AFP, 2016.

A questão da inclusão, principalmente relacionada ao assunto “gênero” é

Razón  
y Palabra

Primera revista digital  
en Iberoamérica  
especializada en Comunicología

Esta obra está bajo licencia internacional  
Creative Commons Reconocimiento 4.0



e-ISSN 1605-4806  
Vol. 23, nº. 105, mayo-agosto 2019

muito importante para o evento, uma vez que dentro do ambiente esportivo existe ainda muito preconceito, sendo exposto com hostilidades aos atletas que não se enquadram como heterossexuais. O COI ao longo dos anos percebeu a necessidade de adotar novas condutas e novos modelos de governança (Araujo & Figueiredo, 2015), resultando na Agenda 2020 com 40 recomendações, divididas em três eixos: sustentabilidade, credibilidade e juventude. A 11ª recomendação é denominada por “Promover a igualdade de gênero”, visando atingir a participação de 50% de atletas mulheres nos Jogos, assim como a incentivar a inclusão de equipes mistas (COI, 2019). Não há nenhuma medida específica para inclusão de pessoas LGBTQ+.

Outras formas sutis de contestar atitudes que vão contra os preceitos do Olimpismo por parte dos organizadores também ocorreram com a condução das bicicletas, como é o caso da Finlândia. O país conta com os maiores índices de violência física por racismo no continente europeu, seguido pela Irlanda (European Union Agency for Fundamental Rights, 2018). Por coincidência (ou não), é justamente um garoto de etnia negra que conduz o nome de ambos os países na bicicleta.

A bicicleta, conforme a diretora de Design Visual Olivia Ferreira, em entrevista a (Candida, 2017, s.p.), foi inspirada em um “vendedor que anda com um carrinho lotado de coisas pelas ruas do Humaitá. Ele passa uma mensagem legal de improviso e inteligência, de pensar com o que você tem”, mais uma simbologia à “gambiarra” brasileira. Os elementos presentes nas bicicletas remetem aos cuidados que devem ser tomadas para com a natureza, se configurando em uma

espécie de “carrinho de jardinagem”, contendo regadores, materiais reciclados e mudas de plantas. Após Lea T, vinha a atleta do pentatlo moderno, Yane Marques a porta-bandeira do Brasil, escolhida por votação na internet. Yane torna-se a segunda mulher a entrar em uma cerimônia olímpica como porta-bandeira do Brasil. Atrás de cada delegação, cinco ritmistas de escolas de samba, tocam seus instrumentos de percussão.

De mãos dadas ao longo de toda a passarela formada para guiar os atletas em seu desfile, estão também voluntários, que vestem roupas coloridas com uma grande “seta” indicando o caminho, eles são “Ambulantes das Areias” simbolizando os personagens clássicos das praias cariocas, que passaram a ser Patrimônio Cultural e Imaterial do Rio a partir de março de 2012. A projeção no palco inicialmente torna-se verde com as raízes das plantas simbolizando a reviravolta que pode ocorrer sobre os locais áridos, e depois dissolve-se em tons de amarelo para simular justamente a areia das praias cariocas e brasileiras. Conforme os atletas chegam ao fim da passarela, estes são conduzidos a esquerda e a direita para voltarem preenchendo o espaço do palco, sendo conduzidos por 20 Marshals chamados “Flippers”.

Este grupo de Marshals é formado por alunos e ex-alunos do Instituto Nacional de Educação para os Surdos – INES, cuja missão é de maximizar o desenvolvimento acadêmico e social de seus estudantes, tendo a arte e o esporte como centro do seu programa. Ao entrar, a delegação brasileira é recebida com o som da canção “Aquarela do Brasil” escrita pelo compositor Ary Barroso em 1939 e interpretada por Francisco Alves.

Devido à longa duração, os diretores musicais Beto Villares e Antônio Alves Pinto convidaram o DJ e produtor Érico Theobaldo, de São Paulo, para auxiliá-los com remixes e passagens. Beto afirmou em matéria a (Rio 2016, 2016, s.p.) que a trilha incidental da Parada dos Atletas teve a “dupla função de ser divertida e impor um ritmo que dê certo, pois há mais de 10 mil atletas entrando no estádio”. O conceito da playlist deste segmento foi um passeio entre ritmos brasileiros, alguns com sonoridades mais urbana, outros mais raiz.

Dentre as músicas, foram contemplados artistas ou grupos atuais junto com remixes de ritmos como frevos, cocos e cirandas pernambucanas. A trilha traz canções recentes e remixes de artistas de vários lugares do Brasil, como Felipe Cordeiro (PA), Turbo Trio (RJ), Aláfia (SP), Rodrigo Caçapa (PE), Siba (PE), Chico Correia (PB), Marcio Wernek (SP), Luisa Maita (SP), além dos americanos DJ Maga Bo (EUA) e Faze Action (EUA). Está presente também uma composição de Beto intitulada “Meio Dia em Macapá”. Neste segmento, visualizaram-se cinco dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: listada pelo português presente na narração dos cerimonialistas ao apresentarem a plantação da “Floresta dos Atletas”.
- √ *Símbolos*: ilustrados pelas bicicletas que remetem à simbologia da “gambiarra”.
- √ *Cenários*: representação da praia de Copacabana pela projeção.
- √ *Cultura*: expressa pelos “Ambulantes das Areias” que representam os ambulantes das praias cariocas, Patrimônio Cultural e Imaterial do Rio, e os ritmistas de escolas de samba.

√ *Samba*: contemplado pela canção “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso.

### **Decodificação Verbal**

A forma da primeira narrativa é caracterizada entonação cerimonial. O ritmo não sofre alterações, mantendo-se constante para a total compreensão da mensagem, sendo o conteúdo desta a explicação sobre cada atleta que adentrar no estádio do Maracanã, receberá uma semente para semeá-la em tubetes, as quais formarão a Floresta dos Atletas no Parque Radical de Deodoro.

Já a segunda narrativa apresenta em sua forma, entonação cerimonial mais marcante, caracterizada pela exclamação, seu ritmo altera-se no decorrer da mensagem, que em seu término visa obter a aclamação do público. O conteúdo apresenta que os atletas da XXXI Olimpíada adentrarão ao estádio e solicita aos espectadores que os recebam no grande momento da festa.

### **Segmento 15 - Surgem os Aros Olímpicos**

Após a entrada da delegação brasileira, os espelhos onde foram depositados os tubetes semeados são direcionados para o centro do palco. Lá são abertos pelos voluntários, revelando os aros olímpicos em meio a uma vegetação que floresce do interior das torres. Ocorre aqui uma simbologia, antecipando o que acontecerá com as sementes que permanecem dentro dos espelhos.

Figura 14. Aros Olímpicos.



Fonte: Antonin Thuillier - AFP, 2016.

Concebidos por Coubertin e considerado o principal símbolo do Movimento Olímpico, os cinco aros remetem todos os continentes, em cores, azul, preto, vermelho, verde e amarelo, que simbolizam a união dos povos do mundo, uma vez que ao menos, uma destas cores contempla a bandeira nacional de todos os países. (COI, 2018; Lennartz, 2002). Pela primeira vez os aros olímpicos não estão dispostos nas suas cinco cores e sim apenas em uma, na cor verde, para lembrar a todos de que a ideia do plantio de florestas deve ser universal. O verde precisa ser espalhado por todos os continentes para assim salvar o planeta terra da destruição. Aqui vislumbram-se dois dos atributos de identidade:

- √ *Língua:* listada pelo português presente na narração dos cerimonialistas.
- √ *Símbolos:* a simulação do nascimento da Floresta dos Atletas por meio dos aros olímpicos verdes.

### **Decodificação Verbal**

A forma da narrativa obedece à entonação cerimonial mais marcante, caracterizada pela exclamação, seu ritmo altera-se no decorrer da mensagem, que em seu término visa obter a aclamação do público. O conteúdo visa finalizar o desfile das delegações, exclamando que todos os atletas da XXXI Olimpíada já se encontram presentes no estádio.

### **Segmento 16 - Discursos e a Pomba da Paz**

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram criados para contribuir com a paz entre os povos, tanto que o COI é um parceiro da ONU. Como o maior símbolo da paz, a “pomba branca” ao longo da história do evento, sempre esteve presente nos



espetáculos de abertura. Porém, devido aos problemas que ocorreram com os animais, não é ambientalmente correto tê-las em cena. Como as pipas fazem parte da paisagem carioca e de diversas cidades brasileiras, elas foram escolhidas para representar as pombas da paz.

200 pipas/pombas foram levadas da cidade do Rio de Janeiro para o Quênia e apresentadas a crianças que nunca haviam brincados com pipas. Lá, elas escreveram mensagens de paz e mandaram algumas de volta para que, junto com mais mensagens escritas por crianças do Rio, pudessem voar no Maracanã. Estas mensagens falam sobre a paz entre países, paz dentro da família, paz em relação ao meio ambiente, e diversas outras reflexões sobre a paz, estando a ideia da tolerância por trás de quase todas elas.

São estas algumas das mensagens: *paz é amar o diferente; todos os sonhos têm paz; paz é compartilhar as coisas; paz é tenso; eu queria que minha família vivesse em paz; paz é calma na alma; como ter paz no mundo se não temos em casa?; paz é quando não existe preconceito de nenhum tipo; eu sinto a paz aqui porque tem muitas balas lá fora; a paz vem de nós e não dos outros; a paz não é um troféu, mas uma conquista; paz é quando canto, quando escrevo, quando desenho; paz é quando eu não brigo com meu irmão.*

Essas e ademais mensagens escritas foram impressas em milhares de pequenas pombas que caem sobre a plateia no momento em que as pipas/pombas entram no estádio acompanhando o homenageado Kip Keino, que se dirige ao palco protocolar para receber das mãos do presidente do COI o troféu concebido a partir de elementos simbólicos como a coroa de louros, feita de ouro sustentável

sobre uma pedra retirada do antigo estádio de Olímpia. Os aros olímpicos fiem seu interior completando o troféu que será abrigado no Museu Olímpico em Lausanne. Por fim o laureado discursa. Portanto, neste segmento percebem-se dois dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representada pelo português presente nas pipas de papel.
- √ *Símbolos*: representação das pombas da paz por pipas, que compõem a paisagem carioca e do Brasil.

### **Segmento 17 – Abertura dos Jogos e a Bandeira Olímpica**

Neste segmento o então presidente interino da República Federativa do Brasil, Michel Temer anuncia os Jogos abertos. Seu nome e imagem não são exibidos nos telões do estádio, apenas nas imagens transmitidas. Após instantes de estagnação, a plateia reconhece sua voz e vaias são executadas, entretanto, acabam sendo mescladas com os aplausos que logo em seguida são gerados pelo fato de “os Jogos estarem abertos”.

Posteriormente, a bandeira olímpica é carregada para ser hasteada no palco protocolar, uma tradição que ocorre desde os Jogos de Antuérpia em 1920. (Llinés, 1996). Costumam ser chamados atletas e não atletas que dedicam parte de suas vidas para causas relacionadas aos valores olímpicos. Neste segmento percebe-se um dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representada pelo português presente na narração de apresentação das pessoas que carregaram a bandeira olímpica.

### **Decodificação Verbal**

A forma narrativa da primeira frase é expressa pela entonação cerimonial,

obedecendo a um ritmo pausado. Seu conteúdo expressa que os Jogos serão declarados abertos.

Já a segunda forma é proferida por uma entonação levemente conturbada, devido seu interlocutor intercalar palavras. O ritmo obedecido é acelerado no decorrer da frase. O conteúdo revela que após o sucesso do espetáculo, os Jogos Olímpicos da XXXI Olimpíada da Era Moderna estão abertos.

A terceira e última forma é pronunciada regida pela entonação cerimonial, marcada e progressivamente exclamada sob um ritmo pausado. Seu conteúdo revela a identidade das pessoas que conduzem a bandeira olímpica para seu hasteamento.

## **Segmento 18 - Hino Olímpico e os Juramentos**

O hino olímpico foi escrito para os Jogos Olímpicos da Era Moderna no ano de 1896 pelo compositor Spirou Samara e poeta Kostis Palamas. Tem sido o hino oficial desde 1958 e é incluído em cada cerimônia de abertura desde 1960. Na cerimônia brasileira, o hino olímpico foi entoado por um coro de 40 crianças do Projeto More<sup>113</sup>, uma ONG criada em 2006 por Sergio Ponce, que auxilia comunidades locais em Niterói – Rio de Janeiro, oferecendo aulas de música, esportes, artes, dança, apoio escolar, nutricionista e tratamento médico para 500 crianças de 5 a 18 anos, diariamente.

Desde os Jogos de Antuérpia em 1920 os atletas fazem o juramento olímpico

---

<sup>113</sup> O projeto é mantido através da parceria com a empresa privada Hinode e de pessoas do Brasil e do mundo que auxiliam na manutenção das atividades ofertadas com a ajuda no programa de apadrinhamento.

(Llinés, 1996). Em 1972 um juiz foi adicionado ao ato e em 2010 um treinador da nação anfitriã também participa do momento protocolar. Percebeu-se um dos atributos de identidade nacional:

√ *Língua*: representada pelo português presente na narração cerimonial.

### **Decodificação Verbal**

As duas formas são pronunciadas regidas pela entonação cerimonial, marcante e sob um ritmo pausado. O primeiro conteúdo solicita para que os espectadores se coloquem em pé para execução do hino olímpico e o segundo indica a execução dos juramentos dos Jogos.

### **Segmento 19 - Apoteose**

Este segmento inicia-se com um dos mestres do samba no Brasil, Wilson das Neves, que toca uma caixinha de fósforo para chamar o espírito dos grandes nomes do samba a participarem da cerimônia de abertura. Enquanto isso, um garoto de etnia negra de 8 anos dança, exibindo que com seu “samba no pé” a tradição não vai morrer. Ao iniciar a música, a Box City transforma-se na obra “Sinfonia Nordestina” da artista plástica brasileira Beatriz Milhazes, com toda sua exuberância de cores e formas, símbolo de brasilidade.

Todas as cores presentes servem de cenário para receber as 12 baterias das escolas de samba vencedoras do carnaval de 2016 que adentram o estádio energizando todos os atletas, com um desfile carnavalesco em plena “Marquês de Sapucaí”, fazendo referência direta à principal festa popular do Brasil. De acordo com (Burke, 2005, p. 121), festas populares se concretizam como “performance de nacionalismo”. O carnaval acompanha desde 1553, quando aparece a primeira

referência ao entrudo no Brasil em Olinda, as transformações populares do país (Diniz, 2008).

Figura 15. Apoteose.



Fonte: Jamie Squire - Getty Images, 2016.

Caetano Veloso e Gilberto Gil integrantes da Tropicália, duas das “vozes” consagradas na música popular brasileira, dividem o palco com a emergente voz da favela carioca: Anitta, eleita em 2013 “Cantora Revelação” pelo iTunes e fenômeno feminino na música pop brasileira, que segue quebrando barreiras e adentrando o mercado da música internacional.

Juntos cantam o samba clássico de Ary Barroso, “Isso Aqui, o Que É?”. A escolha dos cantores partindo dos organizadores, para interpretar um samba clássico em versão de samba enredo, esboça o desejo de mostrar que a música assim como o país e o mundo só têm a ganhar com a mistura, inclusiva, sem preconceito e principalmente, feliz. A canção celebra a alegria do povo brasileiro, sendo a mensagem final do espetáculo de um povo que reconhece suas dificuldades, mas tem garra e espírito para enfrentá-las. Neste segmento, percebem-se seis dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua*: representada pelo português presente na canção “Isso Aqui, o que É?” de Ary Barroso.
- √ *História*: devido ao carnaval e o resgate de nomes importantes na construção do samba.
- √ *Símbolos*: com a apresentação de dança exercida pelo garoto de 8 anos, exibindo com seu “samba no pé”, a simbologia de que a tradição não se acabará nas futuras gerações.
- √ *Cenários*: esboçado por uma representação de desfile carnavalesco tal como no Sambódromo da Marquês de Sapucaí.
- √ *Cultura*: ilustrada pela manifestação cultural do carnaval e a apresentação da obra “Sinfonia Nordestina” de Beatriz Milhazes sobre a Box City.
- √ *Samba*: também representado pela canção “Isso Aqui, o que É?” de Ary Barroso.

## Segmento 20 - A Pira Olímpica Rio 2016

O segmento apresenta o selar do início dos Jogos Olímpicos, quando os atletas acendem a Pira com a chama que foi trazida da Grécia. Três atletas reconhecidos com carinho pelos brasileiros foram escolhidos para o importante momento, sendo Vanderlei Cordeiro de Lima o receptor dos holofotes principais. Havia a cogitação de que Pelé fosse o escolhido para o momento final, todavia, devido a problemas físicos, o atleta não pode se fazer presente. Pelé já havia sido a estrela no espetáculo de flag handover em Londres 2012, quando adentrou o Estádio Olímpico de Londres durante a apresentação do Brasil.

A escolha pelo nome de Vanderlei foi considerada ideal por muitos, já que

seu nome representa com clareza o movimento olímpico. Sua história de vida e esportiva comprovam isso. Ele liderava a prova de maratona em Atenas 2004, quando foi empurrado para fora da pista por um padre irlandês. Mesmo abalado, o atleta seguiu em frente, adentrando sorridente e vibrante ao histórico Estádio Panatenaico, obtendo a medalha de bronze. Vanderlei é o exemplo claro de superação do povo brasileiro, que apesar das adversidades não desiste de seguir em frente. Por demonstrar qualidades ética, moral e o mais puro espírito esportivo em uma situação inesperada, o Comitê Olímpico Internacional cedeu a décima medalha Pierre de Coubertin, uma medalha totalmente em ouro, considerada a maior honraria esportiva e humanitária da organização.

A pira do Brasil quebra com uma tradição das edições anteriores do evento, que consistia em apresentar piras que produzissem enorme volume de fogo. A do Rio pelo contrário, foi concebida intencionalmente pequena, visando a baixa emissão. Simbolicamente a pequena chama atende aos desafios globais de reduzir a queima de gases poluentes. Para emoldurar a chama e causar o efeito de grandiosidade, mesmo com pequeno volume de fogo, surge por trás dela uma enorme escultura cinética do artista plástico Anthony Howe. Unidas, as duas peças representam um símbolo característico do Brasil, do Rio de Janeiro, de calor, verão e alegria: o Sol, uma das fontes de energia que o mundo necessita buscar.

Ao ser colocada em movimento, a escultura espelha os raios do Sol, formados por espirais que representam a vida. Este é mais um recado para o mundo, da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 reforçando a ideia: precisamos mudar a forma como vivemos no planeta. A ângulo de filmagem por trás

da pira revela uma imagem singular: o estádio inteiro com as luzes apagadas, estando apenas os celulares ligados, emitindo luz (um universo cheio de estrelas) que direcionam sua atenção à pira olímpica (a estrela maior, o Sol).

Figura 16. Pira Olímpica Rio 2016.



Fonte: Lucy Nicholson - Reuters, 2016.

Sobre a Box City, imagens mostram a paisagem carioca, que desde 2012 é a primeira paisagem cultural urbana declarada Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO sob o título de “Rio de Janeiro, Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar”. (UNESCO, 2019). A paisagem está tingida em tons de azul, simulando um amanhecer, completado pela pira olímpica, que se conecta ao cenário, mostrando o sol surgindo sobre a cidade.

A última queima de fogos é realizada apenas sobre o estádio do Maracanã e não como nas últimas cerimônias que utilizaram outros espaços para complementar a imagem aérea, novamente visando reduzir o impacto ao meio ambiente. Com as últimas rajadas pirotécnicas, o estádio lembra o Sol com toda sua intensidade, iluminando a cidade. O Cristo Redentor, uma das Sete Maravilhas do Mundo



Moderno, observa os últimos fogos alcançarem o céu carioca e se dissiparem na noite.

Pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos de Verão, a chama olímpica não permanece no estádio. Uma segunda pira foi acesa em frente à Igreja da Candelária no novo Boulevard Olímpico. O complexo faz parte da zona portuária do Rio de Janeiro que foi completamente revitalizada para o evento. A “Pira do Povo” como foi chamada, leva o espírito dos Jogos Olímpicos a todas às pessoas e visitantes que estiverem dispostos a vê-la, não mais restrita aos espectadores do estádio. Ela também lembra um cata vento, uma vez que é totalmente movida por energia eólica, girando apenas quando venta na região. A pira permaneceu após o evento como um monumento histórico da cidade.

Neste segmento percebem-se quatro dos atributos de identidade nacional:

- √ *Língua:* representada pelo português presente na narração dos cerimonialistas ao anunciarem os condutores da tocha olímpica.
- √ *Símbolos:* com a apresentação de uma pira olímpica de baixa emissão simbolizando o um elemento característico da paisagem carioca e brasileira, o Sol.
- √ *Cenários:* esboçado pelas imagens sobre a *Box City* que remetem às Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar, e a paisagem do Cristo Redentor avistando o estádio do Maracanã durante os fogos finais.
- √ *Cultura:* apresentada pelo Cristo Redentor, obra de engenharia, considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno e a representação iconográfica do Rio de Janeiro e do Brasil.

## Decodificação Verbal

A forma narrativa da primeira frase é expressa pela entonação cerimonial marcante e progressivamente exclamada obedecendo a um ritmo pausado que se acelera com uma variação tonal ao proclamar os três nomes. Seu conteúdo notifica a entrada da chama olímpica no estádio e o nome das pessoas que a conduzem.

Já a última forma é proferida por uma entonação cerimonial, marcante e também progressivamente exclamada. Seu conteúdo visa agradecer pela participação de todos os espectadores presentes no estádio pela presença no evento, assim como espera que todos tenham tido uma noite inesquecível. Deseja um retorno tranquilo e finaliza desejando ótimas experiências no decorrer dos Jogos Olímpicos.

## Sínteses

Os atributos de identidade nacional mais expressivos encontrados nos segmentos da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 foram: língua, símbolos, cenários, cultura e história. Entre os ritmos musicais: samba, bossa nova, MPB, funk, maracatu e rap. Entre as formas verbais se destacam as expressas pela entonação cerimonial características de um evento deste porte e os conteúdos se pautam em apresentações de personagens e elementos do espetáculo para o público espectador do estádio.

O impacto midiático da Cerimônia Rio 2016 pode ser conferido no Quadro 01 que ilustra brevemente as manchetes que percorram o Brasil e o mundo após a realização do espetáculo. A grande maioria destas notícias relacionaram o complexo processo que o Brasil e o Rio de Janeiro passaram durante os sete anos

de preparação para sediar o evento com o “sucesso” que engatilhou o início dos Jogos Olímpicos da XXXI Olimpíada da Era Moderna.

Quadro 01. Impacto Midiático da Cerimônia de Abertura Rio 2016.

<b>CERIMÔNIA DE ABERTURA RIO 2016</b>	
O Estado de São Paulo (2016) Brasil	“Gambiarra de Luz e Cor [...] Um bom começo. Cerimônia de abertura dos Jogos exalta a diversidade cultural brasileira com história, poesia, funk. Preocupação ambiental e criatividade. [...] Festa”.
<i>USA Today</i> (2016) Estados Unidos	“Quem precisa de dinheiro? A cerimônia Olímpica tinha uma consciência. [...] Durante anos o mundo achou que o Rio não conseguiria realizar os Jogos, que se ouviu muito sobre os problemas da cidade, e agora vocês fazem uma cerimônia que será lembrada por gerações”.
<i>Corriere Della Sera</i> (2016) Itália	“Apresentação de elementos excitantes e originais e conscientização ambiental [...] O mundo encontrou uma casa acolhedora no Brasil”.
<i>The Wall Street Journal</i> (2016) Estados Unidos	“Espectáculo que alternou vibração e seriedade, como o desfile de Gisele Bündchen e mensagens de tolerância, diversidade e inclusão”.
<i>Toronto Star</i> (2016) Canada	“A cerimônia, no entanto, foi tão sincera, tão otimista. Arte, beleza, energia e festa”. Destacou o último desfile de Gisele Bündchen como sendo “uma das coisas mais inspiradoras que qualquer país pode imaginar”.
<i>The Guardian</i> (2016) Reino Unido	“Rio deixou de lado seus problemas para uma celebração simples e elegante”.

<i>Welt</i> (2016) Alemanha	“Com uma cerimônia espetacularmente bela, o Brasil celebra a diversidade e envia uma mensagem de esperança ao mundo”.
<i>Boston Globe</i> (2016) Estados Unidos	“Os Jogos Olímpicos começam pela primeira vez na América do Sul com uma apresentação visualmente deslumbrante”.
<i>Le Figaro</i> (2016) França	“O Brasil abriu com perfeição os Jogos Olímpicos, com um clima alegre, emocionante e musical”.
<i>El País</i> (2016) Espanha	“Durante cerca de uma hora e meia o Brasil se permitiu um respiro. A crise política e a recessão econômica ficaram do lado de fora do Maracanã, para dar lugar à celebração da heterogeneidade e vitalidade do país. O Brasil demonstrou que tem motivos para alimentar o orgulho nacional”.
O Globo (2016) Brasil	“Cerimônia de Abertura da Rio-2016 emociona com história dos povos brasileiros”.
<i>The Washington Post</i> (2016) Estados Unidos	“A festa mostrou as glórias e as tragédias do maior país da América do Sul. [...] com um olhar natural e autêntico buscando frear o avanço tecnológico que definiu as cerimônias de abertura anteriores”.
<i>National Post</i> (2016) Canadá	“Rio-2016 passa em seu primeiro teste com uma animada e mágica cerimônia”.
<i>BBC</i> (2016) Inglaterra	“As Olimpíadas de 2016 foram formalmente abertas com uma cerimônia colorida e pulsante no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro [...] celebrou a história, a cultura e a beleza natural do Brasil”.
<i>El Universal</i> (2016) México	“Os brasileiros mostraram sua capacidade de organização com um orçamento reduzido que os levou a preparar um espetáculo em que destacaram ritmo,

	cor e alegria”.
CNN (2016) Estados Unidos	“O Rio está pronto para fazer história com o início dos Jogos Olímpicos, depois de uma abertura que deixou a mensagem de renascimento e regeneração”.
Clarín (2016) Argentina	“Os olhos do mundo voltaram-se para a cerimônia, por suas cores, por seus fogos de artifício, por sua música, por seu povo, pelo Cristo Redentor, ao fundo, como um perfeito guardião, ícone universal de uma cidade em que se encaixam em vários mundos”.

Fonte: Silva e Ruiz (2019).

A mídia espontânea gerada pela Cerimônia de Abertura Rio 2016 de acordo com o diretor Andrucha Waddington em entrevista à (Globo News, 2016, s.p.), deu-se por que “tocou o coração, emocionou e contagiou” as pessoas. Ele afirma que não existe “campanha de marketing que consiga atingir não só a mídia tradicional como a mídia social” da maneira que ocorreu. Para ele o espetáculo estava “falando com o mundo e gerando uma reação”. Uma das razões que levou o espetáculo a dar certo, conforme Fernando Meirelles, foi a honestidade, já que episódios como o da escravidão e a favela não foram escondidos. O diretor afirmou que a verdade é “poderosa e muito libertadora”.

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos do Brasil também pode ser vinculada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS. Dos 17 objetivos globais estabelecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas – AGNU, podem ser interlaçados seis ao espetáculo, sendo eles: *ODS 5 - Igualdade de Gênero* (referência a participação das mulheres empoderadas); *ODS 7 - Energia Acessível*

e *Limpa* (referência da Pira Olímpica Rio 2016, com baixa emissão de gases poluentes e o acesso a energia eólica na segunda Pira localizada no Boulevard Olímpico); *ODS 10 - Redução das Desigualdades* (referência a inclusão de mulheres transexuais e afrodescendentes para conduzir os nomes dos países); *ODS 13 - Ação Contra a Mudança Global do Clima* (referência aos momentos de reflexão sobre o aquecimento global apresentados); *ODS 15 - Vida Terrestre* (referência ao estímulo pela proteção e recuperação das florestas, ao semear sementes para originarem a Floresta dos Atletas) e *ODS 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes* (referência a promoção da paz e jogo justo no evento).

### **Considerações finais**

As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Verão se tornaram estandartes de divulgação cultural, mais especificamente, das identidades nacionais dos países organizadores, que se aproveitam da audiência para “vender” a imagem de suas culturas, visando um legado turístico a longo prazo. Entretanto, uma “imagem ideal” muitas vezes torna-se discrepante da realidade nacional. Conforme visto na revisão da literatura, Fernando Meirelles em entrevista à (Globo News, 2016) afirmou que o espetáculo de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim foi emocionante e espetacular, contudo, teve poucas características da vida social chinesa retratadas. Não ocorrem menções à pobreza da população, nem de sua revolução cultural.

Também foi abordado na revisão da literatura, que a identidade nacional é uma narrativa construída ao longo da história dos países, que pode ter realidades veladas ou silenciadas, derivadas do grupo dominante que as definiu. É sabido que

os seres humanos sempre preferem mostrar sua face positiva ao invés da negativa, e da mesma forma ocorre em todas as propagandas realizadas, quando se busca “vender” algo. Analisando o contexto olímpico do Rio de Janeiro, foi identificado que ao ser escolhido país-sede, o Brasil vivia tempos favoráveis, e que sete anos depois, ao entregar o evento, enfrentava um momento complexo. Durante esse processo, o país ingressou em uma crise financeira, econômica, política, social e ética, levando a uma drástica polarização da sociedade. Sendo assim, é provável que esse tenha sido o primeiro caso tão atenuante no cenário de divergências entre o recebimento e a entrega do evento.

O Brasil hoje está regredindo a laivos fascistas, onde as pessoas que diferem de padrões ideológicos, religiosos e sexuais, impostos por modelos e parâmetros de uma parcela da sociedade, sofrem represálias e perseguições que podem acarretar inclusive na morte de indivíduos. (Nauriski, 2019). Logo, cidadãos que não se enquadram no escopo composto por pessoas brancas, heterossexuais e cristãs, acabam sofrendo represálias sociais, impulsionados por ideais patriarcais e machistas, que se encontram enraizados na identidade nacional.

Os números recentes de feminicídio, homofobia e racismo no Brasil ilustram a crescente onda de intolerância. O depoimento da modelo transexual Lea T expressa a realidade do país que mais mata transexuais no mundo (Transgender Europe, 2018). Existe sim, ainda muito preconceito velado no país, o que coloca em jogo a democracia racial de Gilberto Freyre. Todavia, o espírito de acolhimento dos brasileiros é recorrente, pois basta ocorrer uma tragédia para que todos se solidarizem sem reparar em etnia, sexo ou origem.

Embora essa tolerância desejada não esteja intrínseca na identidade nacional, os diretores abordaram o tema como uma necessidade a ser alcançada tanto no Brasil como no mundo, e isto é representativo, pois as sociedades precisam continuar avançando em suas trajetórias identitárias de preferência. É claro que uma cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos não mudará os diversos cenários existentes, mas é uma oportunidade para que ideias sejam amplamente divulgadas. E os diretores aproveitaram desta audiência para semear ideias de paz, inclusão, tolerância e alegria. Apesar de toda história contada requerer recortes, estes se mostraram eficientes no espetáculo para reconstruir a gênese cultural do país.

O espetáculo dos Jogos Olímpicos criou inovações com a arte, apresentando momentos importantes da história nacional, bons e ruins, como é o caso da escravidão. Este fato histórico está presente, com a entrada dos escravos africanos, carregando pesos e barras, realizando agachamentos sob o som das chibatadas. Posteriormente ocorre a reviravolta; ingressam as mulheres negras “empoderadas” para cantar um rap sobre o poder das mulheres.

São apresentadas as “vozes do morro”, das favelas, das ruas, dos locais menos favorecidos, pois é lá também onde surge a cultura POP que se espalha pelo mundo. Novamente as “mazelas” são exibidas, mesmo que estetizadas. O espetáculo Rio 2016 não escondeu momentos decisivos da história do país como em outras cerimônias e isso precisa ser ressaltado. A expertise brasileira em organizar eventos com multidões também foi referenciada com sucesso, fazendo desta comemoração um evento memorável na história cultural e turística do Brasil.



A mensagem da cerimônia foi clara: precisa-se de tolerância no mundo e preservação e conservação da natureza. Como exemplo, pode ser citada a exibição dos problemas climáticos, seguida pela apresentação de uma forma para minimizá-los, finalizando com os próprios atletas plantando a “solução”, ou seja, praticando o ato. Todas as regiões do Brasil foram representadas na cerimônia, seja pela música, coreografia, obras visuais, figurinos ou etnias, concretizando a festa em uma celebração multicultural de tolerância, apresentando a alegria do Brasil para o mundo e para os atletas.

Entre as contribuições advindas deste trabalho, podem ser citadas a apresentação das simbologias de elementos histórico-culturais presentes na identidade nacional brasileira, que podem ser melhor explorados pela atividade turística, pois o Brasil ainda divulga uma imagem estereotipada, onde o carnaval se constituiu como o elemento principal, seguido pela natureza e o futebol, em um país com mais de 208 milhões de habitantes, diversas regiões e culturas singulares que não se sentem representadas apenas por samba e desfiles carnavalescos.

Além do desvelamento das simbologias, ocorreu uma contribuição teórica, ao recuperar episódios decisivos que constituem a identidade nacional do Brasil e compará-los com os segmentos da Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Também houve uma contribuição metodológica, ao adaptar o método de Análise de Imagens em Movimento, acrescentando ainda um quadro com atributos de identidade nacional. Juntos podem ser aplicados a qualquer mídia audiovisual que vise analisar aspectos identitários de uma nação.

Por fim, pode ser citada a contribuição social deixada por esta pesquisa, ao

expor para a sociedade uma interpretação subjetiva e tangível a respeito das simbologias apresentadas neste evento, que trouxe autoestima nacional e que se encontra disponível gratuitamente para todos na internet. Esta pesquisa ofereceu uma interpretação da identidade nacional do Brasil em um período delicado da história do país, mostrando que é possível respeitar as diferenças e divergências, buscando a paz na sociedade.

Este estudo propõe, como sugestão para pesquisas futuras, buscar soluções para que o turismo consiga se apropriar destas simbologias de elementos histórico-culturais presentes na identidade nacional do Brasil, que ainda não são explorados em campanhas de divulgação turística internacional, e as formas de como eles poderão ser compreendidos por outros povos, absorvendo significações derivadas de uma cultura multiétnica. Como limitação pode ser citada a não utilização de dados primários advindos de entrevistas com diretores e demais pessoas envolvidas na criação do espetáculo, devido a não obtenção de retorno destes às mensagens e e-mails encaminhados.

## Referências

- Amado, J., Figueiredo, L. (1992). *No Tempo das Caravelas*. São Paulo: Contexto.
- Anderson, B. (2016). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso.
- Andreoni, M., Hauser, C. (2019). Fires in Amazon Rain Forest Have Surged This Year. Recuperado de:  
<https://www.nytimes.com/2019/08/21/world/americas/amazon-rainforest.html>
- Araujo, C., Figueiredo, C. (2015). Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável nos Jogos Olímpicos do Futuro: uma Revisão da Agenda 2020 do Comitê Olímpico Internacional. En: Deslandes, A., Dacosta, L., Miragaya, A (Eds). *O Futuro dos Megaeventos Esportivos* (pp.241-258). Rio de Janeiro: Engenho Arte e Cultura.
- Armstrong, M. (2016). Olimpíadas Rio 2016: Por que Representatividade Importa? Recuperado de: <https://ofelm.com.br/olimpiadas-rio-2016-por-que-a-representatividade-importa/>
- Asturiano, P., Matias, R. (1999). *A Carta De Pero Vaz De Caminha: Versão Ilustrada em Linguagem Atual*. São Paulo: Ftd.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BBC. (2019). Elza Soares. Recuperado de:  
<https://www.bbc.co.uk/music/artists/a619471e-ee2f-430f-b57b-262f94457559>
- Berger, P., Luckmann, T. (2011). *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. E-book: Open Road Media.
- Brubaker, R. (2004). In the name of the nation: Reflections on nationalism and patriotism. *Citizenship Studies*, (8), 115–127. doi:  
10.1080/1362102042000214705
- Burke, P. (2005). *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Calhoun, C. (1994). *Social Theory and the Politics of Identity*. Ebook: Wiley-blackwell.
- Candida, S. (2017). Designers do Radiográfico enxergam o que está por trás

- imagem. Recuperado de: <https://oglobo.globo.com/rio/designers-do-radiografico-enxergam-que-esta-por-tras-imagem-1-20809228>
- Castells, M. (2018). *O poder da identidade (Vol. 2 A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura)*. São Paulo: Paz & Terra.
- Comitê Olímpico Internacional (2019). Olympic Agenda 2020. Recuperado de: <https://www.olympic.org/olympic-agenda-2020>.
- Comitê Olímpico Internacional. (2017). Global Broadcast and Audience Report: Olympic Games Rio 2016. Recuperado de: [https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Games/Summer-Games/Games-Rio-2016-Olympic-Games/Media-Guide-for-Rio-2016/Global-Broadcast-and-Audience-Report-Rio-2016.pdf#\\_ga=2.228054621.1950544600.15258382791626902259.1522870456](https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Games/Summer-Games/Games-Rio-2016-Olympic-Games/Media-Guide-for-Rio-2016/Global-Broadcast-and-Audience-Report-Rio-2016.pdf#_ga=2.228054621.1950544600.15258382791626902259.1522870456)
- Comitê Olímpico Internacional. (2018). *The Olympic Rings*. Recuperado de: <https://www.olympic.org/olympic-rings>
- Comitê Olímpico Internacional. (2019). *Rio 2016*. Recuperado de: <https://www.olympic.org/rio-2016>
- Corrêa, R. (2012). *Cultura e Diversidade*. Curitiba: Intersaberes.
- Costa, E. (2012). *Da Senzala À Colônia*. São Paulo: Unesp.
- Cuche, D. (2002). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: Edusc.
- Damatta, R. (2015). *O Que Faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Diniz, A. (2008). *Almanaque do carnaval: A história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Zahar.
- EBC. (2016). Cerimônias Rio 2016: baixo orçamento será compensado com ousadia e criatividade, afirmam diretores. Recuperado de: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/cerimonias-rio-2016-baixo-orcamento-sera-compensado-com-ousadia-e-criatividade-afirmam-diretores>
- Elias, N. (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2018). *Second European Union Minorities and Discrimination Survey: Being Black in the EU*. Recuperado de:

[https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/fra-2018-being-black-in-the-eu\\_en.pdf](https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2018-being-black-in-the-eu_en.pdf)

Fausto, B. (2015). *História do Brasil*. São Paulo: Edusp.

Ferreira, A. (2010). *Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Gagnon, E. et al. (2016). A new generic system for the pantropical Caesalpinia group (Leguminosae). *Phytokeys*, (71), 1-160. doi: 10.3897/phytokeys.71.9203

Globo News. (2016). A abertura da Olimpíada por Fernando Meirelles e Andrucha Waddington. Recuperado de:

<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/5229505/>

Goffman, E. (2009). *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. New Jersey: Touchstone.

Governo do Brasil. (2017) Conheça a história e as curiosidades dos Símbolos Nacionais. Recuperado de: [www.brasil.gov.br/governo/2017/09/conheca-a-historia-e-as-curiosidades-dos-simbolos-nacionais](http://www.brasil.gov.br/governo/2017/09/conheca-a-historia-e-as-curiosidades-dos-simbolos-nacionais)

Governo do Brasil. (2018). Mais da metade da população brasileira se autodeclara como preta e parda. Recuperado de: [www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2017/11/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-se-autodeclara-como-preta-e-parda](http://www.brasil.gov.br/noticias/cidadania-e-inclusao/2017/11/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-se-autodeclara-como-preta-e-parda)

Hall, S. (2008). *Isto significa isso, isso significa aquilo: guia de semiótica para iniciantes*. São Paulo: Rosari.

Hall, S. (2014). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina.

Harari, Y. (2018). *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&pm.

Harss, M. (2016). For This Choreographer, the Olympics Are the Zenith.

Recuperado de: <https://www.nytimes.com/2016/08/08/arts/dance/deborah-colker-choreographer-rio-olympics-opening-ceremony-dance.html>

Hemming, J. (2007). *Ouro Vermelho: A Conquista dos Índios Brasileiros*. São Paulo: Unesp.

Holanda, S. (2000). *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense.

- Holanda, S. (2016). *Raíces do Brasil: Edição crítica - 80 anos*. Ebook: Companhia das Letras.
- Horne, J., Manzenreiter, W. (2006). An introduction to the sociology of sports mega-events. En: Horne, J., Manzenreiter, W (Eds). *Sport mega-events* (pp.1-24). Oxford: Blackwell Publishers.
- IBGE. (2007). Brasil 500 Anos de Povoamento. Recuperado de: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>
- IBGE. (2010). Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. Recuperado de: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>
- IPHAN. (2019). Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins. Recuperado de: [portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1939](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1939)
- Le Parisien. (2016). JO-2016: les coulisses d'une machine à 5 milliards de spectateurs. Recuperado de: <http://www.leparisien.fr/flash-actualite-sports/jo-2016-les-coulisses-d-une-machine-a-5-milliards-de-spectateurs-20-08-2016-6056515.php>
- Lennartz, K. (2002). The Story of the Rings. *Journal Of Olympic History*, (10), 29-61. Recuperado de: <http://library.la84.org/SportsLibrary/JOH/JOHv10n1/JOHv10n1m.pdf>
- ipovetsky, G., Serroy, J. (2015). *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Llinés, M. (1996). The History of Olympic Ceremonies: From Athens (1896) to Los Angeles (1984). En: Moragas, M., Macaloon, J., Llinés, M (Eds). *Olympic Ceremonies: Historical Continuity and Cultural Exchange* (pp.63-80). Lausanne: The Olympic Museum.
- Lucon, N. (2016). Além de Lea T, outras mulheres trans foram destaques na abertura da Olimpíada; veja! Recuperado de: <https://nlucon.com/2016/08/06/alem-de-lea-t-outras-mulheres-trans-foram-destaques-na-abertura-da-olimpiada-veja/>

- Lustosa, S. (2016). Análise de Discurso Crítica e a Análise da Imagem em Movimento: uma Aproximação Teórica. *Revista Interfaces*, 7 (1), 97-107.  
Recuperado de:  
[https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/4016](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/4016)
- Marques, C., Domingues, E. (2014). A Identidade Nacional Brasileira em Teses e Dissertações: uma revisão bibliográfica. *Psicologia Política*, 14 (4), 465-480.  
Recuperado de:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300004)
- Morsch, M. (2016). Rio 2016: uma aula de gestão em deslumbrante espetáculo.  
Recuperado de: [www.administradores.com.br/artigos/negocios/rio-2016-uma-aula-de-gestao-em-deslumbrante-espetaculo/97284/](http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/rio-2016-uma-aula-de-gestao-em-deslumbrante-espetaculo/97284/)
- Nauriski, E. (2019). Cineclube Luz, Filosofia e Ação: Clube da Luta [EUA - 1999].  
Recuperado de:  
<https://www.youtube.com/watch?v=3uZotzFV2tA&feature=youtu.be>
- Oliveira, R. (1976). *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira.
- Oliveira, R. (2003). Identidade étnica, identificação e manipulação. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, 6 (2), 117-131. doi: [10.5216/sec.v6i2.912](https://doi.org/10.5216/sec.v6i2.912)
- Paz, F. (1996). *Na Poética Da História: Realização Da Utopia Nacional Oitocentista*. Curitiba: UFPR.
- Peirce, C. (2011). *Philosophical Writings of Peirce*. Ebook: Dover Publications.
- Peirce, C. (2017). *Semiótica*. São Paulo. Editora Perspectiva.
- Pereira, J. (2011). Diversidade e pluralidade: o negro na sociedade brasileira. *Revista Usp*, São Paulo, (89), 278-284. doi: [10.11606/issn.2316-9036.v0i89p278-284](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i89p278-284)
- Prado Júnior, C. (2017). *Formação do Brasil Contemporâneo*. Ebook: Brasiliense.
- Probst, M. (2016). *História da América: da era pré-colombiana às independências*. Curitiba: Intersaberes.
- Proença Filho, D. (2018). Língua, cultura e identidade nacional. Recuperado de:  
<http://www.academia.org.br/videos/ciclo-de-conferencias/lingua-cultura-e->

## identidade-nacional

- Ribeiro, D. (2015). *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Global.
- Rio 2016. (2016). *Media Guide Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016*. Rio de Janeiro: Rádiográfico.
- Rio 2016. (2016). Qual é a música? Diretores comentam trilha sonora da cerimônia de abertura. Recuperado de: [www.rio2016.com%2Fnoticias%2Fqual-e-a-musica-diretores-comentam-trilha-sonora-da-cerimonia-de-abertura](http://www.rio2016.com%2Fnoticias%2Fqual-e-a-musica-diretores-comentam-trilha-sonora-da-cerimonia-de-abertura)
- Rose, D. (2015). Análise de Imagens em Movimento. En: Bauer, M., Gaskell, G (Eds). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático* (pp.343-364). Petrópolis: Vozes.
- Salaini, C. (2013). Sobre as Teorias Raciais. En: Carvalho, A (Ed). *Desigualdades de Gênero, Raça e Etnia* (pp.97-111). Curitiba: Intersaberes.
- Santaella, L. (2012). *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense.
- Santos, J. (2012). *O Que É Cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Schwarcz, L. (2016). Identidade nacional: o que é 'ser brasileiro'. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=Q9LIEDRmlcE&t=1s>
- Schwarcz, L., Starling, H. (2015). *Brasil: Uma Biografia - Com novo pós-escrito*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, B. O., Ruiz, T. D. (2019). Destination Branding: o legado de imagem dos Jogos Olímpicos Rio 2016. *Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR)*, 9 (1), 133-162. doi: 10.2436/20.8070.01.133
- Silva, L. I. L. (2009). Jornal Nacional - Rio 2016 escolhida sede olímpica em 2009. 2009. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=b7WA1tHaOR8>
- Smith, A. (2008). *The cultural foundations of nations: Hierarchy, covenant, and republic*. Malden: Wiley-Blackwell.
- Souza, T. (1998). Discurso e Imagem: Perspectivas de Análise Não Verbal. *C-legenda*, (1), 1-10. Retirado de: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240/128>
- Thiesse, A., Norris, S. (2003). *How Countries are Made: The Cultural Construction of*



- European Nations. *Contexts*, 2, (2), 26-32. doi: [10.1525/ctx.2003.2.2.26](https://doi.org/10.1525/ctx.2003.2.2.26)
- Thomas, R., Antony, M. (2015). Competing constructions of British national identity: British newspaper comment on the 2012 Olympics opening ceremony. *Media, Culture & Society*, 37 (3), 493-503. doi: 10.1177/0163443715574671
- Tinhorão, J. (2012). *Música popular: um tema em debate*. São Paulo: Editora 34.
- Tomlinson, A. (1996). Olympic Spectacle: Opening Ceremonies and Some Paradoxes of Globalization. *Media, Culture & Society*, (18), 583-602. doi: 10.1177/016344396018004005
- Transgender Europe. (2018). 369 reported murders of trans and gender-diverse people between 1 October 2017 and 30 September 2018. Recuperado de: [https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2018\\_SimpleTable\\_EN.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT_TMM_TDoR2018_SimpleTable_EN.pdf)
- UNESCO. (2016). Rio de Janeiro recebe da UNESCO certificado de Patrimônio Mundial pela sua Paisagem Cultural. Recuperado de: [www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office/single-view/news/rio\\_de\\_janeiro\\_receives\\_from\\_unesco\\_the\\_certificate\\_of\\_world/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/brasilia/about-this-office/single-view/news/rio_de_janeiro_receives_from_unesco_the_certificate_of_world/)
- Vecchioli, D. (2019). Floresta dos Atletas tem primeira árvore plantada 3 anos após Rio-2016. Recuperado de: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2019/09/25/floresta-dos-atletas-tem-primeira-arvore-plantada-3-anos-apos-rio-2016/>
- Vinciguerra, T. (2012). The Elusive Girl From Ipanema. Recuperado de: <https://www.wsj.com/articles/SB10001424052702303649504577492603567202024>
- Williams, R. (2008). *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra.
- Wruck, S. (2016). Interviewing - Deco Farkas. Retirado de: <https://keeprotating.com/2017/12/12/interviewing-deco-farkas/>
- Yogeeswaran, K., Dasgupta, N. (2014). Conceptions of national identity in a globalised world: Antecedents and consequences. *European Review Of Social Psychology*, 25 (1), 189-227. doi: 10.1080/10463283.2014.972081
- Zamudio, K. et al. (2018). Lack of science support fails Brazil. Recuperado de:

<https://science.sciencemag.org/content/361/6409/1322.2>

Zucon, O. (2013). *Introdução às Culturas Populares no Brasil*. Curitiba: Intersaberes.

Razón  
y Palabra

Primera revista digital  
en Iberoamérica  
especializada en Comunicología

Esta obra está bajo licencia internacional  
Creative Commons Reconocimiento 4.0



e-ISSN 1605-4806  
Vol. 23, nº. 105, mayo-agosto 2019